

As Cavalhadas vistas pelo Pe. António Rocha



PÁG. 5

Nortadas "Alminhas Gémeas!"



PÁG. 11

José Medeiros Tavares, pai do jornalista António Valdemar: As Cavalhadas da sua infância



PÁG. 4

José Pereira da Silva: Perfil



PÁG. 9

A Cidade da Ribeira Grande possui fortes traços identitários: a sua sociabilidade, o mar e a ribeira



Perfil auto-biográfico

Licínio Manuel Vicente Tomás, Sociólogo e Professor de Sociologia no Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais na Universidade dos Açores. Nasci numa aldeia nas imediações da Serra da Estrela, numa terra confinante à Beira Baixa e Beira Alta. Em 1987, concluí, na Universidade Nova de Lisboa, a minha Licenciatura em Sociologia. Mais tarde, na mesma Universidade, ainda em Sociologia, tirei um

Mestrado. Desde 1992, lecciono na Universidade dos Açores as Cadeiras de Sociologia das Organizações, Introdução às Ciências Sociais, Estudos de Mercado e Sociologia Aplicada. Actualmente, preparo um Doutoramento em Sociologia, designadamente na área do Trabalho e do Emprego, depois de concluir que Trabalho e Emprego são realidades distintas. Tentando perceber os processos de envelhecimento social, deparei-me com a importância do emprego e o lugar da vida activa na actualidade. As questões de envelhecimento e de empregabilidade constituem fenómenos urbanos emergentes nos contornos da pós-modernidade.

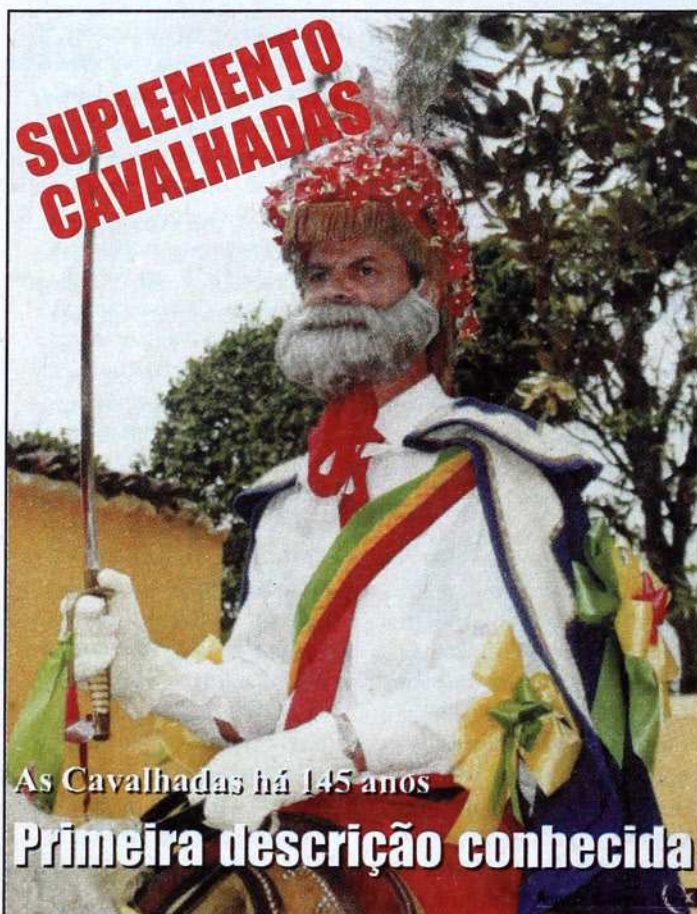
DIÁLOGOS PÁG. 6

Precisa-se Nova Escola Básica 2/3



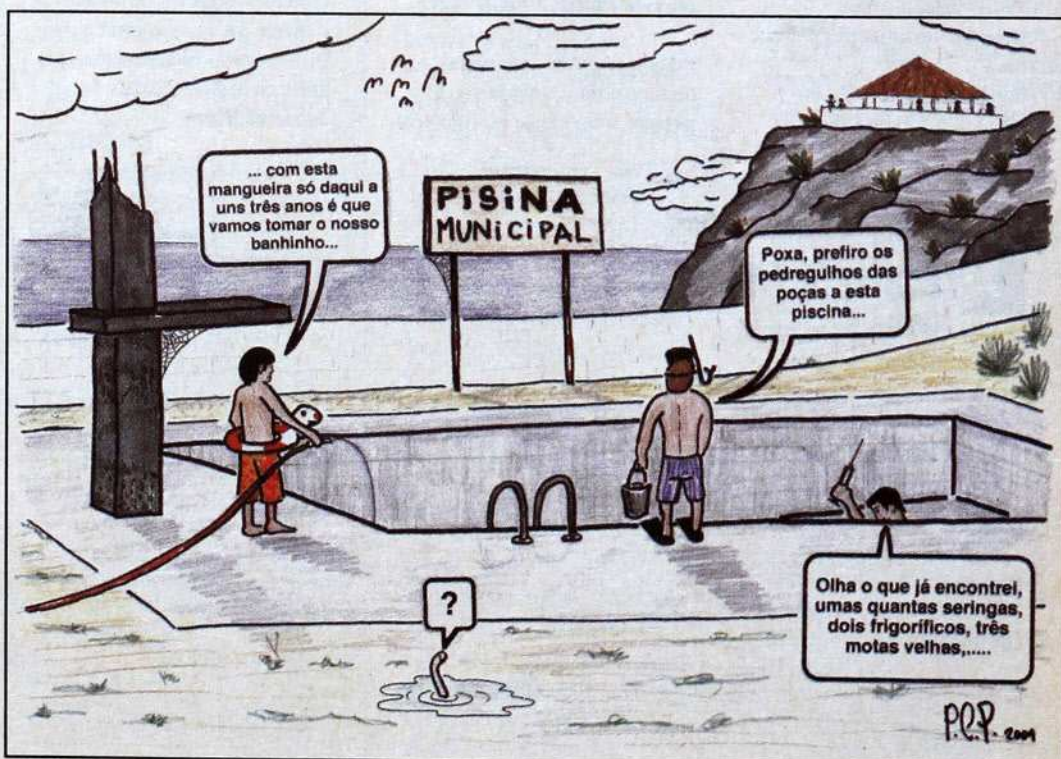
O Plano de construções escolares neste Plano do Governo Regional não prevê esta proposta, mas é necessário que se comece já a estudá-la, de modo que o próximo Governo a apresente como prioridade e com projecto já definido. Só assim será possível ter a nova Escola construída daqui a seis anos, evitando uma situação irresolúvel nessa altura.

PÁG. 8



As Cavalhadas há 145 anos Primeira descrição conhecida

"Acabada a função reuniram-se os festeiros da primeira Dominga do Espírito Santo daquela freguesia [Ribeira Seca] e Lomba de Santa Bárbara ricamente vestidos, e montados em cavalos com as bandeiras do Espírito Santo largas, assim percorreram as ruas de todas as freguesias desta Vila, sendo seguidos de um variado número de máscaras." (A Estrela Oriental, 2 de Julho de 1856)



TOYOTA



RUI & GASTÃO, LDA.
Praceta da Pranchinha, N.º20
Telef. 296 304 900 - Fax 296 304 919
9500 Ponta Delgada



YARIS

Crie a sua história

PLANTAS USADAS NA MEDICINA POPULAR (1)

Perpétua-silvestre



É antiquíssimo, perde-se nos tempos, o esforço do homem para compreender e depois usar as plantas como alimento e como medicamento.

Os primeiros povoadores dos Açores terão trazido consigo o conhecimento empírico e a grande maioria das plantas usadas na medicina popular. Referindo-se à ilha de S. Maria, Gaspar Frutuoso menciona um João Vaz Melão, que se chamava das Virtudes, "pela com que curava, natural de Viseu donde veio à ilha logo no princípio, depois de ser achada... onde tinha muita fazenda e uma grande casa

que lhe não servia mais do que dos enfermos que de muita parte o buscavam, os quais ele curava, por amor de Deus só com ervas e azeite, sem mais outra mezinha". Menosprezada pelos mais "cultos", durante muito tempo, a medicina popular veio a ser reconhecida em Maio de 1978, através de uma Resolução da Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde que dava início a um programa mundial com o fim de avaliar e utilizar os métodos da medicina popular, nos quais se incluía o recurso à fitoterapia, "a ciência que se ocupa do emprego das plantas medicinais (ou dos seus extractos) no tratamento de doentes".

Nesta minha primeira colaboração com o jornal *A Estrela Oriental*, apresento uma das plantas usadas na medicina popular, a perpétua-silvestre:

Teófilo Braga



Família
Asteraceae

Nome científico
Gnaphalium luteo-album.

Distribuição geográfica
Em todas as ilhas dos Açores, Madeira e Canárias. Europa: até ao Sul de Inglaterra, Sul da Suécia e Latvia.

Identificação
Erva anual, coberta de pêlos, não atingindo os 30 cm de altura com flores castanho-amareladas, em cacho. Aparece normalmente em lugares húmidos e arenosos.

Utilização
Em chá para combater a rouquidão. Joaquim Cândido Abranches, em 1894, escrevia que era também usada no tratamento de outras doenças da garganta.



Cooperativa Mãe d'Água

requisitos para cooperador

OBJECTIVOS

- 1- A cooperativa tem como objecto principal da sua actividade:
- Criatividade, difusão, informação, dinamização e animação;
 - Para efeitos do art.º 3.º do Decreto Lei n.º 313/81 de

Novembro, consideram-se áreas de actuação de actividades editoriais e jornalísticas.

QUEM PODE SER SÓCIO

Podem ser admitidos como membros da Cooperativa as pessoas individuais ou colectivas

que preencham os seguintes requisitos:

- Tenham subscrito e pago pela forma e prazos previstos nestes estatutos os títulos de capital e a jóia que lhe seja exigível;
- Possam prestar serviços nas áreas da actividade da cooperativa.

ADMISSÃO

- A admissão como membro da Cooperativa efectua-se mediante requerimento apresentado à Direcção, subscrito por dois cooperadores abonadores e pelo interessado.
- Da decisão da Direcção que recuse a admissão, a proferir oito dias depois após a entrega do pedido, cabe o recurso para a primeira Assembleia Geral que se

realize após a referida decisão, por iniciativa do interessado ou dos seus abonadores.

3 - O candidato a associado que obtiver resolução favorável à sua admissão será desde logo inscrito e entra imediatamente no gozo dos seus direitos desde que tenha satisfeito todos os requisitos de admissão nomeadamente os da alínea a) do artigo anterior.



Cupão de Assinatura

Fotocopie e envie para *A Estrela Oriental*, Apartado 6, 9600 Ribeira Grande

Desejo ser assinante do jornal *A Estrela Oriental*, recebendo o jornal na morada indicada Junto envio cheque no valor de 1000\$00 (5€) do Banco _____

Nome												
Morada												
Localidade								Código Postal				
País				Telefone					Nº Contribuinte			

Ficha Técnica:



Jornal Mensal

Director: Oliveira Moura
Director-adjunto: Melo Teodoro

Propriedade:



Cooperativa
Mãe d'Água, C.R.L.

Publicidade e Paginação: Luís Faria
Contacto: 919020517

Contribuinte N.º 512 060 398
Número de Registo: 123813
Apartado 6, 9600 Ribeira Grande
Correio electrónico: estrelaoriental@portugalmail.pt
Telm. 963560639
Depósito Legal N.º: 166371/01
Tiragem 1000 exemplares



Porte Pago
Região Autónoma dos Açores



FESTAS DA CIDADE - 2001

PROGRAMA

26 de Junho - (3.ª Feira)

10H00 - Intercâmbio Desportivo Área Escolar Ribeira Grande
12H00 - Abertura oficial das Festas, com largada de pombos e balões
21H00 - Sessão Solene de Homenagem aos Emigrantes
 Espectáculo musical
 Teatro Ribeiragrandense

27 de Junho - (4.ª Feira)

18H00 - Início do Torneio de Futebol de 5 - Festas da Cidade 2001
 Parque Desportivo Ribeira Grande
20H30 - Inauguração das Exposições de:
 -Ciclo do Linho - Lurdes Lindo;
 -Profissões - Fotografias de Laudalino Pacheco;
 -Miniaturas de Automóveis - Paulo Henrique.
 Teatro Ribeiragrandense
 -Pintura Colectiva alusiva ao Divino Espírito Santo.
 Igreja do Senhor dos Passos
 -Vitrais e Porcelanas - Professora Maria José Damião e Alunas
 Posto de Turismo
 -Serigrafias
21H00 - Encerramento das actividades do Ano Lectivo da Academia de Música da Ribeira Grande.
 Teatro Ribeiragrandense
22H00 - Demonstração de KARATE pelo Clube HOITSUGANKARATEDO - AÇORES.
 Cascata

28 de Junho - (5.ª Feira)

18H30 - Concentração das Marchas Populares
 Estádio Municipal
19H30 - Desfile das Marchas de S. Pedro pelas ruas - Mourato, Direita/Baixo e Bernardo Manuel Estrela até à Casa Paroquial.
20H00 - Abertura das Exposições
22H30 - 1.ª Roda de Fogo
22H45 - Actuação do "Duo Arraial" (c/ surpresa)
00H00 - Encerramento do Arraial com a 2.ª Roda de Fogo.

29 de Junho - (6.ª Feira)

05H00 - Toque da Alvorada
05H00 - Torneio Centenário de Voley - Participação de 8 equipas, sendo 6 Continente
 Parque Desportivo Ribeira Grande

10H00 - Hastear das Bandeiras nos Paços do Concelho com Guarda de Honra.

- Distribuição de Alampadas de S. Pedro em fueiros (Ribeira Seca, Rua Direita e Câmara Municipal)
11H15 - Concentração das Cavalhadas no Solar da Mafoma e desfile.
13H00 - Chegada das Cavalhadas ao Largo Hintze Ribeiro - Câmara Municipal
13H30 - Solene Concelebração Eucarística na Igreja de S. Pedro.
15H00 - Abertura das Exposições
17H00 - Exibição do Palhaço Pézinho
18H00 - Brinde à Cidade
 Recepção às entidades do Concelho Salão Nobre dos Paços do Concelho
20H30 - Actuação do Conjunto "Fora D'África"
22H00 - Humor - "Tia Maria do Nordeste"
22H30 - 1.ª Roda de Fogo
22H45 - Actuação da Artista "Alexandra"
23H30 - Música com a artista Isabel Frade
00H30 - Encerramento das festas com a 2.ª Roda de Fogo
 Largo de S. Pedro

30 de Junho - (Sábado)

15H00 - Abertura das Exposições
22H00 - Noite da Juventude com a actuação de João Portugal
 Largo da Cascata

1 de Julho - (Domingo)

15H00 - Abertura das Exposições
19H00 - Cortejo Processional das Coroas e Bandeiras do Divino Espírito Santo
20H00 - Bodo de Leite (aberto a todos)
 - Local: Jardim Público
22H30 - Arraial

2 de Julho - (2.ª Feira)

20H00 - Abertura das Exposições
21H00 - Festival de Patinagem Artística
 Parque Desportivo Ribeira Grande

3 de Julho - (3.ª Feira)

20H00 - Abertura das Exposições
21H00 - Espectáculo musical com o artista natural deste Concelho - Jorge Silva
 Teatro Ribeiragrandense

Dia 4 de Julho - (4.ª Feira)

20H00 - Abertura das Exposições
21H00 - Actuação do artista - José Nazário
 Teatro Ribeiragrandense

Dia 5 de Julho - (5.ª Feira)

19H20 - Chegada aos Paços do Concelho da 1.ª Secção da 1.ª Etapa do SATA RALLIE AÇORES
20H00 - Abertura das Exposições
21H00 - Passagem de Modelos - Alunos da EB 2, 3 Gaspar Frutuoso
 Teatro Ribeiragrandense

Dia 6 de Julho - (6.ª Feira)

09H00 - Partida para a 2.ª Secção da 1.ª Etapa do SATA RALLIE AÇORES
16H00 - Inauguração da Estação de Tratamento Automático de Água
20H00 - Abertura das Exposições
20H15 - Chegada aos Paços do Concelho da Final da 1.ª Etapa do SATA RALLIE AÇORES
21H00 - Homenagem aos Grupos Folclóricos e de Cantares do Concelho.
 Cascata

Dia 7 de Julho - (Sábado)

09H00 - Partida para a 1.ª Secção da 2.ª Etapa do SATA RALLIE AÇORES
13H00 - Torneio de Karate - Festas da Cidade - 2001
 Organização do Clube HOITSUGAN KARATEDO - AÇORES
 Parque Desportivo Ribeira Grande
15H00 - Abertura das Exposições
18H00 - Final do Torneio de Futebol de 5 - Festas da Cidade 2001
 Parque Desportivo Ribeira Grande
21H00 - Concelho em Palco - Espectáculo com artistas do Concelho.
 Teatro Ribeiragrandense

Dia 8 de Julho - (Domingo)

15H00 - Abertura das Exposições
FESTA DO COMÉRCIO
 Das 15H00 às 24H00 - Animação contínua ao longo da Rua Principal da Cidade.

Programa sujeito a alteração

Editorial

1. A Estrela Oriental: Razão da escolha do nome

Não só meramente por motivos afectivo-simbólicos a Mãe d'Água - Cooperativa Cultural, CRL, fundada a 1 de Fevereiro de 2001, resolveu ressuscitar o título do jornal ribeiragrandense *A Estrela Oriental*, cujo primeiro número saiu em Maio de 1856, tendo encerrado a I Série em 1866, iniciando a II Série em 1869, provavelmente suspendendo a publicação em 1919 (Jornais Açorianos - Catálogo -, Impracor, 1995, Ponta Delgada, p. 31).

Tal facto terá para nós um inquestionável valor por *A Estrela Oriental* ter sido, tanto quanto se sabe, o primeiro jornal publicado na Ribeira Grande, e ainda por o seu primeiro redactor haver sido o grande jornalista Francisco Maria Supico, autor das *Escavações*, ou por a sua reabertura poder significar a vontade de unir o elo partido entre o passado e o presente, do levantar pela nova geração do testemunho caído.

2. A Estrela Oriental: Razão de ser do jornal

Para quê mais um jornal? - perguntarão. Por que razão não se congregam esforços para melhorar os existentes? - insistirão. A ambas as perguntas responderei: é dever da nossa Cidade, tal como já o fazem as demais, contribuir para a discussão do modelo de desenvolvimento harmónico e multipolar dos Açores. Um jornal é um 'equipamento' urbano imprescindível, tal como o Museu, a Biblioteca e o Arquivo, o Centro Cultural, a Universidade, o Parque Desportivo, a Emissora de Rádio, os Mercados, o Centro Comercial, o Jardim, os Cafés, as sedes dos Sindicatos, das Confederações Patronais, dos Partidos Políticos, das Igrejas, etc. . Será, neste ano de vigésimo aniversário de Cidade, ainda um presente não só ao

Concelho e à sua população mas à Região. Justificava-se em 1856 no editorial o seu aparecimento nestes termos:

'Era tempo. O nosso progressivo melhoramento assim o exigia. Exigia-o a grandeza da nossa população e as necessidades da época em que vivemos! Esta vila, a primeira de toda a monarquia, já pela sua numerosa população e riquezas, e já pela actividade e inteligência de seus habitantes, está no caso de ter uma Folha periódica, mostrando assim que não se torna indiferente ao grande movimento das sociedades modernas [...].'

3. A Estrela Oriental: Razões do Director

Em virtude da sua periodicidade mensal deverá ser um jornal essencialmente temático. Deste modo, contamos caracterizar social, económica e culturalmente a Ribeira Grande no contexto das cinco cidades insulares. Ou seja, procuraremos dar resposta à pergunta que ciclicamente aparece: Quem somos? Em sequência, iremos analisar as nossas expectativas: O que queremos ser. E, ainda, trataremos de 'Quem fomos', já que, neste caso, a inocência não existe. Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para que este sonho se torne uma realidade viável. Temos consciência de que outros tentaram e falharam, estamos preparados para aceitar o sucesso e o insucesso. No entanto, beneficiando da experiência passada, preferimos pensar que se conseguirmos motivar a condescendência dos leitores, a participação de patrocinadores e o concurso de colaboradores, poderemos conjugar satisfatoriamente os aspectos editoriais e financeiros.

Oliveira Moura

Num só espaço
Tudo para a sua casa
Mobiliário - electrodomésticos - mercearia
mosaicos - materiais de construção

Stand Correia
 Rua Direita de Cima, 45
 Ribeira Seca
 Telef.: 296 470004

Dr. José de Medeiros Tavares: As Cavalhadas da sua infância



"A Ribeira Seca, da Ribeira Grande, é uma freguesia bem lançada. Um Largo em frente à igreja e quatro largas e extensas ruas, com um ou outro edifício de boas linhas, formam a parte central do burgo. Todos os anos a 29 de Junho, depois do arraial da véspera com fogo preso, a igreja de S. Pedro apresenta-se com suas melhores galas, paramentada a primor. Além de todos os enfeites ou adornos habituais em outras igrejas, nela figura um outro motivo ornamental muito interessante e popular. Nos lugares mais expostos do interior do edifício estão pendentes das paredes e dos arcos laterais da nave as enormes alâmpadas, no dizer do povo. São cachos, semelhando grandes lâmpadas, contendo as primícias da estação, como as maçarocas de milho dentro das suas camisas de folha, dum verde muito vivo, os grandes e tentadores figos lampos,

de pele muito aveludada destinam-se ao pároco, regedor, comissão e maiores contribuintes dos festejos. Todavia, o que é muito interessante é que enxertado nas festas religiosas há um típico costume popular muito antigo e conhecido pelo nome de Cavalhadas de São Pedro.

As Cavalhadas são dum efeito popular verdadeiramente emocionante. Não é um costume verdadeiramente pagão. Antes poderia chamar-se uma peregrinação a cavalo. As cavalhadas são o resultado de promessas religiosas feitas durante o ano e nelas tomam parte os penitentes e ainda os que têm a 1.ª dominga do Espírito Santo, gente da freguesia e arredores.

Esta cavalgada extravagante tem um chefe e um lugar de reunião, onde todos os seus componentes comparecem antes de começarem as festas da Igreja.

A hora aprazada o chefe lança um olhar inquiridor em volta do grupo e dá a voz de formar, colocando-se à frente. É, seguido por duas extensas filas de cavaleiros, a boa largura uma da outra e a um de fundo, partem a galope, a caminho da igreja. Todos os lugares nas proximidades desta estão apinhados de populares e de curiosos, alguns que se deslocaram de muito longe.

O tilintar variado das campainhas, que os cavalos trazem penduradas do pescoço, já se faz ouvir em grande toada e todos os olhares se



voltam à procura do pacífico e festivo esquadrão da cavalaria devota. É um encanto e deslumbramento para os ouvidos e para os olhos da multidão. O chefe vem adiante, de traje colorido, calção vermelho e meias brancas ajustadas às pernas, com uma pequena capa agitada pelo vento, chapéu de plumas, as mãos enluvadas, máscara afivelada na cara e uma espada na mão. Vêm a seguir as duas longas filas de cavaleiros, com suas calças listradas, camisas muito brancas apertadas em suspensórios novos, alguns de luvas brancas e capinhas vermelhas aos ombros esvoaçando ao vento da corrida e com as iniciais S.P. bordadas a outra cor. Trazem alguns um pequeno guia na mão direita, na cabeça um chapéu

armado em cartão e revestido de papel em cores vivas, em geral vermelho, ornado em volta com pequenos objectos de ouro ou simplesmente com a cor do nobre metal, objectos que oscilam com o andamento e cintilam à luz clara do meio dia.

A claridade forte e o sol intenso do fim de Junho, caindo verticalmente sobre os homens e as coisas, põem naquele cenário extravagante e garrido revéberos folclóricos duma intensidade e efeitos surpreendentes.

A cavalgada já está ajustada no adro da igreja, junto à porta principal. O seu chefe, erguida então a máscara de grandes barbas brancas, faz uma recitação a São Pedro, em verso popular e no género de Gil Vicente, em

quintilhas e sextilhas, como nas comédias populares.

No exórdio agradece ao santo padroeiro os benefícios que derramou pelos membros da peregrinação, cavaleiros ali presentes, suas famílias e boa parte da freguesia. Na invocação pede-lhe a sua ajuda e favor para que o novo ano decorra suave e feliz para aquela população.

Finda a recitação, e ainda dentro do adro, os cavaleiros dão 7 voltas à igreja, costume extremamente curioso e cuja origem é para nós desconhecida. Começa depois a festa na igreja e a cavalgada lá segue, formada e a galope. Vai percorrer as ruas principais da freguesia e da sede da vila, despertando o mesmo efeito da chegada para os que a vêem partir e para todos aqueles que, no decurso, com emoção e alegria a aguardam postados nas varandas, janelas, ruas e largos públicos. Regressando ao ponto inicial da reunião, aí se dispersam à voz do chefe.

Costume popular tão interessante, as Cavalhadas de São Pedro! Foi assim que os meus olhos viram os festejos de São Pedro há mais de meio século quando, menino e moço nascido na Vila da Ribeira Grande, visitava a casa de alguns já falecidos mas sempre saudosos parentes, naquela populosa freguesia da Ribeira Seca.[...]"

(Do Jornal *Correio dos Açores*, 29 de Junho de 1966)



Confecção - Limpeza a Seco

Rua da Praça, 35
Telef./Fax: 296 474 189
e-mail: mmctsousa@net.sapo.pt

Vestuário de senhora por medida

Vestidos de Noiva

Vestidos de Comunhão

Vestidos de Cerimónia



Tecidos a metro

Acessórios de costura



Fardas e uniformes



Limpeza a seco

Tratamento e conservação de peles

Sabores assim
devem ser partilhados



100% natural

Sem aditivos

Qualidade, excelência e tradição

Fábrica de Licores Eduardo Ferreira

HERDEIROS DE AGOSTINHO FERREIRA MEDEIROS, LDA

OBRAS PÚBLICAS - CONSTRUÇÃO CIVIL

Central de Britagem >> Fábrica de Blocos e Vigas >> Materiais de Construção >> Serração de Basalto >> Granitos

Estrada Regional, Nº 3/1ª Km. 10 Boqueirões - 9600 Ribeira Grande - Tel. 296 490 160 - Fax 296 490 167



Padre António Rocha e as Cavalhadas de São Pedro



De há alguns anos a esta parte, notamos um capricho e até mesmo uma ansiedade do regresso às origens e tradições. Este facto incide, sobretudo, nas camadas mais jovens das populações. Hoje, 29 de Maio, ao escrever estas nótulas para o jornal da minha terra, *A Estrela Oriental*, chega-me às mãos o diário *A União* que administrei por 17 anos e traz na última página de 25 do p. Maio, da autoria de um seu assíduo colaborador e investigador terceirense, a questão que agora se levanta do topónimo de uma nova freguesia a criar na ilha Terceira, concelho da Praia da Vitória, estação de veraneio tão apreciada e conhecida por Porto Martins, a desmembrar-se da freguesia do Cabo da Praia. Há um desajuste no topónimo, para uns Porto Martins e para outros porto Martim, como é tratada pelo nosso Vigário da Matriz, Gaspar Frutuoso e também o Jesuíta padre António Cordeiro. A solução não será difícil, mas trago aqui a polémica, somente para pôr em relevo o interesse pela veracidade e aprofundamento dos factos. Mergulhar na origem das Cavalhadas, teremos uma resposta similar às do Dr. José Hermano de Saraiva, quando confrontado com variadíssimas hipóteses sem fundamento, sobre determinados factos históricos, não receia dizer que não sabe. O nosso conterrâneo, Dr. Armando Cortes Rodrigues, autoridade relevante sobre as nossas tradições culturais e costumes do nosso povo, limita-se a dizer que as Cavalhadas de São Pedro, nada têm de comum com Cavalhadas brasileiras ou mesmo, das terras portuguesas das beiras. As nossas são, em relação àquelas, muito específicas e só próprias dos açorianos. No entanto, a tradição oral mais forte e chegada aos nossos dias, relaciona as Cavalhadas com as erupções vulcânicas, registadas por todas as ilhas, ficando as suas populações enfeudadas ao culto

do Divino Espírito Santo. Aqui, a Ribeira Seca, sofre na alma e no corpo, quando em 1563, o Pico do Sapateiro que lhe é sobranceiro, entrou em erupção, destruindo todo o povoado circundante. Mas, ao atingir a Ermida de São Pedro, ladeou-a sem a molestar e dirigiu-se para o mar, dividindo-o areal em duas partes: o Areal de Santa Bárbara da Ribeira Seca e o Areal da Ribeira Grande. A estranha divisão, bem como o facto de a Ermida de São Pedro ter ficado de pé, são estes factos interpretados como milagres pelo povo.

O fontanário junto ao Largo de São Pedro, dá-nos a estimativa do piso de então, mais aprofundado e que a lava encheu, ficando a artéria por onde correu, até aos nossos dias, com o nome de rua do Biscoito, embora o oficial seja Bernardo Manuel da Silveira Estrela. Curioso, o topónimo de biscoito e biscoitos se atribui, pelas mesmas causas das erupções às localidades atingidas pela lava das erupções, como o caso das freguesias de Biscoitos, nas ilhas Terceira e S. Jorge. O povo viu pois, nos fenómenos que classificou de milagrosos, uma dupla intervenção sobrenatural: a do Apóstolo, padroeiro da terra e cuja imagem ficara ileza e uma outra que sobrepunha a imagem, era sobrenatural e transcendente, era a intervenção divina e que vinha entroncar-se no culto que ao Espírito Santo já se tributava em todas as ilhas, era a fé lídima do povo açoriano que uma vez mais se encomendava a Deus. Realmente foi a fé dos primeiros habitantes destas ilhas, como deixou escrito um meu saudoso professor: o princípio de vida e progresso de um povo, reside na sua fé que lhe norteia a existência e alarga as suas aspirações. Só Deus, no seu poder infinito, actua no que é quase impossível no homem.

E agora, por um sentimento de gratidão, urge difundir por toda a parte, o que o Divino aqui realizara, à maneira dos trovadores medievais que cantavam os feitos nobres e as acções valorosas da nossa gente. E os factos correram e foram longe.

Várias erupções se fizeram sentir em toda a ilha, acentuadamente no Sul, destruindo anos depois, Vila Franca do Campo. Conta a tradição que nesta Vila, vivia um fidalgo no seu solar e, sentindo-se inseguro, conhecendo o que acontecera com a Ermida

de São Pedro da Ribeira Seca, de acordo com os Mordomos do Espírito Santo prometeu que, se a sua mulher e o seu solar fossem poupados, enquanto vida tivesse, viria todos os anos, no dia de São Pedro, cantar em verso a sua vida, à porta da sua milagrosa Ermida.

Assim aconteceu e a promessa se cumpriu: todos os anos, no dia 29 de Junho, galantemente vestido e montado num belo cavalo, na companhia dos seus Vassalos e Mordomos do Espírito Santo, dava Sete Voltas em redor da Ermida, dirigindo-se depois para a Igreja do Espírito Santo (Senhor dos Passos) e rematando o seu percurso na Ermida de Santo



André, irmão do Apóstolo. As Sete Voltas simbolizam os Sete Dons do Espírito Santo. E, continua até hoje, este acto de gratidão pelos benefícios recebidos e pedindo a Deus, afaste da nossa terra as calamidades que a põem em alvoroço.

As Cavalhadas constituem um espectáculo único de cor, de forte tradição mantida até hoje, como um significativo cartaz turístico que continua a atrair à Ribeira Grande numerosos forasteiros. Na manhã de 29 de Junho, um Corneteiro dá o toque na torre da

Igreja, a freguesia fica logo em movimento, pelas 06 horas é rezada a primeira missa a que acorrem muitas pessoas, algumas das freguesias limítrofes e de imediato à celebração, uma banda de música percorre as artérias da freguesia da Ribeira Seca, tocando o Hino do Apóstolo.

Por volta das 11 horas do dia de Festa, os Cavaleiros, rigorosamente vestidos, começam a afluir ao Solar da Mafoma, onde o júri, integrado nas tradições e rigorismo da indumentária, classificará os 7 Cavaleiros que mais se distingam pela roupa que vestem e pela forma como se enquadram na

três Corneteiros, distribuindo-se os restantes Cavaleiros em duas filas, faz a sua oração à porta do templo. Respeitando a hierarquia dos valores, antes das loas ao Apóstolo, a oração sobe ao Deus Vivo e reza:

*Bendito e louvado seja
A toda a hora e momento
Em toda a parte que esteja
O Santíssimo Sacramento
E nós pelo seu chamamento
Unidos à Santa Igreja*

*Senhor! Dai-me licença
De eu com Pedro falar
Aqui na sua presença
A sua vida quero narrar
E pedir-lhe para me advogar
No dia da minha sentença*

Cumpridas todas as formalidades, o pomposo cortejo, ao som de clarins, põe-se em marcha para os Paços do Concelho onde faz nova paragem para cumprimentar e agradecer à Edilidade a sua valiosa cooperação, segue para junto da Igreja do Espírito Santo onde funcionou a primeira Misericórdia, visita a Ermida de Santo André, regressando ao ponto de origem. A Igreja associa-se à Festa, oferecendo uma decoração primorosa, estando toda enfeitada com a flor que mais abunda, a Eduarda.

Ornamento simbólico e só próprio daqui, são as "alâmpadas", dependuradas nos altares, coro e púlpito. São aglomerados de frutos, alguns ainda verdes, marcando as primícias da terra, entrelaçados com flores do campo, predominando a hortênsia, aparentando a forma de um cacho, não faltando no remate a maçaroca de milho e um pequeno ananás. As espigas de trigo cruzando-se abundante no cacho, dão a ideia, à luz que inunda o templo, de bordado de filigrana. Depois são estas lâmpadas oferecidas às autoridades civis, pároco, pregador da Festa e a muitos filhos desta terra radicados noutras freguesias. Durante vinte anos em que paroquiei na Ribeira Seca, vivi de perto e profundamente, as Festas que tentei de melhor descrever. Só me resta pedir às camadas jovens que não deixem morrer nem atrofiar, uma tradição que tanto honra o bom povo de São Pedro da Ribeira Seca.

Padre António Rocha

TERCEIRAS

Tabacaria Livraria
Papeleria Brinquedos

R. Gonçalo Bezerra, 6 / 8 - 9600 Ribeira Grande
Telef./ Fax: 296 472 804

Diálogos - Dr. Licínio Tomás

Mário Moura / Hermanno Teodoro

Uma pequena e agradável cidade de província. Não há nada de mal nisso, antes pelo contrário.

Deverá afirmar a sua diferença

HT: Com estes 'Diálogos' pretende-se levar a Ribeira Grande, como Concelho e como Cidade, mais como urbe, à reflexão de uma série de especialistas. Já o fizemos junto de um Arquitecto, na área do Urbanismo. Fazemo-lo, agora, junto de um Sociólogo. Como bem sabe, as cidades fazem-se ou afirmam-se, diferentemente, pelo espaço. Sabemos também que as mesmas, inclusive, tem um rosto devido às pessoas que as constróem e que nelas habitam. A nossa preocupação será, então, a de tentar perceber até que ponto o espaço social ribeirão, mormente o da Cidade, pode ajudar a percebê-la; ou seja, a denotar a sua identidade, e, por consequência, ajudá-la a alcançar aquilo que, segundo o nosso ponto de vista, merece: afirmar a sua presença no seio das urbes açorianas.

LT: O conhecimento que eu tenho acerca da Cidade da Ribeira Grande resulta dos meus frequentes passeios à costa Norte e das passagens que efectuo em direcção ao Vale das Furnas.

MM: A Ribeira Grande não convida a parar, pelos vistos é mais um local de passagem. Porquê?

LT: Atenção, eu não disse que a Ribeira Grande não é atractiva. Aliás, as minhas deslocações mais frequentes são à Ribeira Grande.

MM: Sendo assim, o que é que lhe atrai mais nela?

Uma pequena e agradável cidade de província. Não há nada de mal nisso, antes

pelo contrário.

LT: A Ribeira Grande, enquanto Cidade e lugar de convívio, é um espaço que prezo muito. Moro em Ponta Delgada. Se quisesse morar em grandes cidades não teria vindo para os Açores. **Prefiro, antes, falar em espaço de sociabilidade, que é o que me atrai mais na Ribeira Grande.** Existem espaços que têm mais 'proximidade' do que outros; têm relações de sociabilidade mais densas, mais vida pública. Não creio que, para que os espaços sejam desenvolvidos, do ponto de vista urbano e humano, estes tenham que exibir irremediavelmente o anonimato dos seus habitantes. E ainda bem que assim não é. **A riqueza das cidades de província, em Portugal, e não há nada de pejorativo nisso, é justamente a**

dos seus espaços de 'convívio'. Elas distinguem-se precisamente por esta marca: são espaços de 'proximidade'. É possível a coexistência do interconhecimento, que é o contrário do anonimato, com um espaço com características urbanas. A Ribeira Grande ainda proporciona isso, pois tem um grande sentido de vida pública; de relações de proximidade e de vizinhança bastante intensas, onde predominam, é certo, ainda traços visíveis de alguma ruralidade. Tal é próprio das nossas cidades de província, nomeadamente as situadas no meio rural, digamos as do interior. E eu sou oriundo de uma cidade do interior, na Beira Baixa. Passei grande parte da minha vida em grandes cidades, tais como Lyon e Lisboa, e consigo



ver perfeitamente a diferença. **Assiste-se até, na actualidade, a um certo "retorno ao campo" ou, pelo menos, à sua revalorização em contraponto com os espaços, por vezes, desumanizados das grandes urbes.** É claro que o espaço humanizado ou desumanizado depende da intervenção e criação dos homens. Mas não basta criar cidades, há que ter em conta a quem se destinam! E o que se pretende em termos de evolução futura!

Estereótipos à volta da Ribeira Grande

MM: Prosseguindo na mesma linha de ideias, ou seja, a de levar a Cidade da Ribeira Grande ao Sociólogo, devo dizer que, sobretudo entre os não residentes no espaço urbano, subsiste a imagem de uma Cidade velha, cinzenta, apertada, pouco convidativa, uma espécie de subúrbio rural de Ponta Delgada. Para os mais irónicos e brejeiros ela será tão-só 'canários, vinho de cheiro e maledicência'. Por outras palavras, ainda predominam muitas impressões estereotipadas no seu inconsciente colectivo.

LT: Não há dúvida que estamos na presença de estereótipos. E como todos os estereótipos, normalmente, têm um conteúdo que geralmente é falso. Muito próximo dos mitos, o que é facto é que estes têm grande influência nas mentalidades colectivas. É muito natural que eles, ainda que com conteúdos falsos, porque são difundidos, consolidados e legitimados acabem, por vezes, por constituir a nossa própria visão; ou melhor, é com estes dados que as pessoas formam a sua representação dos locais. Quanto a mim, o melhor remédio para combater os estereótipos é desmontá-los.

MM: Como?

LT: São muito facilmente desmontáveis, na medida em que as Cidades Velhas, pelo menos as da Europa, são aquelas em que imperam os vestígios da sua tradição. Talvez se possa falar nisso no caso da Ribeira Grande. Isso

ai já não será propriamente o meu campo. Contudo, **Cidade Velha não é, forçosamente, sinónimo de espaços exíguos, decadentes, "démodés" ou em regressão.** Não o é em lado nenhum. Por exemplo, actualmente, ninguém duvida que Lisboa tem um projecto de requalificação das suas ruas, dos seus espaços, inclusive, integrando principalmente os que eram tradicionais, que justamente contribuem para a sua identidade, e que por isso, não devem ser desprezados ou negligenciados num qualquer projecto de planeamento urbano. Espaços como o Bairro Alto, Castelo, Madragoa, Alfama, ou outros, possuem projectos de requalificação e recuperação de zonas antigas que beneficiam amplamente a imagem e a própria vida da cidade de Lisboa, no seu conjunto. O estigma da tradição é frequentemente um forte sustentáculo da sua afirmação identitária – porque não aproveitá-la e integrá-la? A modernidade não pode varrer os pilares fundamentais da vida em colectividade, sobretudo quando essa se transcreve e se lê no espaço sócio-urbanístico envolvente. Quanto à maledicência esta é própria dos espaços sociais com as características de sociabilidade que apontámos e não creio que possa interferir na imagem que se faz da cidade. Não esqueçamos que o espaço envolvente da própria cidade, isto é, o meio insular no seu todo é ele próprio um espaço de um certo interconhecimento e rivalidade entre comunidades.

O litoral, a ribeira e o areal de Santa Bárbara

MM: Devemos assumir a nossa memória e, tendo esta por base, construir o nosso presente. No nosso caso, por exemplo, a requalificação que se impõe, não sei se conhece bem, é o litoral, a malha urbana e as ribeiras...

LT: O litoral. Eu acho uma ideia fabulosa. Eu sempre considerei que nos Açores, exceptuando alguns espaços desta costa Norte e da do Sul, se vive de costas para o mar. Isso é lamentável. Como sou de fora, estou cá desde 1992, o que eu acho, por exemplo, quando se passa pela costa, regra geral, é que não só se constrói de costas para o mar como não existem suficientes estabelecimentos públicos, como cafés, restaurantes que nos presenteiem com vista sobre o mar. Ultimamente, ainda bem, parece que este menosprezo, esta subalternização, tem sofrido algumas pequenas alterações. Oxalá a moda pegue, de modo a que isso contribua para cativar e embelezar a imagem que se tem destes lugares. **Creio que, seguramente, toda a gente reconhecerá o litoral como um espaço de excepção. Há que aproveitá-lo. Por que não jogar com ele para a requalificação do espaço? Dou o exemplo da Cidade de Lisboa. Considero que todas as Cidades que possuem um curso de água, rio ou ribeira, se devem, com toda a razão, considerar privilegiadas.** No entanto, Lisboa viveu muito tempo de costas para o Tejo. Porém, recentemente, com a reabilitação de algumas das suas áreas ribeirinhas, das Docas e do grande projecto da 'Expo 98', o Tejo começa a ser devolvido aos lisboetas. Muito à semelhança do que sucedeu em Barcelona.

MM: A Cidade da Ribeira Grande mostra pobrememente o seu mar e quase que se esconde das ribeiras.

Já se apercebeu que existem ribeiras no seu interior? Há o Alabote/Bar, as Poças, o Miradouro de Santa Luzia, mas pouco mais e tudo de um modo muito desconexo.

LT: Sou um admirador confesso do Alabote! A ribeira Grande não é muito evidente. Penso que ela estará um pouco 'abafada'. Gosto muito do seu espaço circundante, nas imediações do edifício dos Paços do Concelho. Mas o que existe é pouco e não está totalmente aproveitado. A ribeira está, repito, algo 'afogada' e existem sinais de que tenha sido desprezada. As outras não as vemos.

MM: Em certa medida, tal facto, poderá ser explicado numa abordagem histórica e antropológica. O mar do Norte é tido como algo a evitar, do mesmo modo que a ribeira é algo igualmente a recear pela sua capacidade real de destruição. Como ocorreu em 1563/64. Há historicamente um certo medo e é difícil contrariá-lo.

LT: Acho que tem toda a razão. Detecto-o não só na Ribeira Grande, mas em toda a Região. Há, de facto, uma certa desconfiança histórica face ao mar.

O Areal de Santa Bárbara

MM: No caso, a violência do mar do Norte!

LT: Precisamente, face ao mar do Norte! É uma força alterosa, incerta, mas também é vital. Aliás, como todos os elementos da natureza são ambivalentes e, de certo modo, polissémicos. O facto de existir uma ribeira é muitas vezes visto como a continuação do mar na terra.

MM: Apesar de, presentemente, se verificar menos, e dos esforços das entidades competentes, elas são ainda, infelizmente, utilizadas por muitos como uma cloaca natural, um esgoto a céu aberto.

LT: Pena seria se não se continuasse a contrariar tal abuso. Foi, durante alguns tempos, compreensível, que as pessoas procurassem as ribeiras como locais de lançamento de detritos. Actualmente, é inadmissível. **A ribeira é, seguramente, um dos elementos que conferem identidade à cidade da Ribeira Grande, por isso consta do nome.** Tal como a orla marítima, as ribeiras deverão ser alvo de atenção cuidada.

MM: Voltando à orla marítima. Sendo o Areal de Santa Bárbara, a Poente da Cidade, talvez a maior extensão de areia da ilha e das ilhas, num passado recente, mercê da gula de areeiros, quase eliminado do mapa, só não o sendo pela acção da Autarquia, não se percebe e estranha-se que não seja vigiada. Mar revolto, afogamentos, lugar excêntrico, lugar do efabulário mítico de magias e bruxedos, de redemoinhos incontroláveis; ironicamente, é certo, porém, não tem havido mais naufrágios, ou afogamentos, mais do que os ocorridos na costa Sul. Haverá, de facto, um bloqueio mental? O facto é que, não obstante tudo isso é ponto de encontro obrigatório de 'surfistas' e de banhistas.

LT: Isso é, ao que parece, mais um elemento mítico. **Deveria haver por parte de todas as entidades responsáveis esforços convergentes tendentes a ultrapassar o absurdo que é o desaproveitamento daquele espaço.**

Diálogos - Dr. Licínio Tomás

O peso da Ribeira Grande no contexto das cidades açorianas

MM: Em termos de futuro turístico, quem tem vindo a ditar a lei, e compreensivelmente, porque é o motor do desenvolvimento Regional, é a Cidade de Ponta Delgada.

LT: É um facto: as 'capelinhas' do poder estão enraizadas em Ponta Delgada e em outros dois pólos aceites de desenvolvimento.

HT: Daí até à condescendência vai um passo. De meados dos anos setenta até aos dias de hoje que se

tirem conclusões.

MM: A Ribeira Grande, em termos de produto interno bruto, no contexto da Região, encontra-se nos lugares cimeiros; em termos demográficos ela surge, claramente, no terceiro lugar; e, em outros parâmetros, aí por adiante. Sobre esta realidade, contamos fazer um estudo mais aturado. **Porém, em termos de tradução deste poder em poder político, estará não só atrás das demais cidades insulares como atrás de muitas vilas, se não mesmo**

freguesias. É uma falha que urge corrigir. Isto é um tique, uma sequela das três antigas capitais de Distrito. Consta do Estatuto da Região. Esta tripolaridade, ao que parece, não acontece em relação à ilha Terceira, onde Angra do Heroísmo e Praia da Vitória 'partilham' o poder.

LT: Soberania e hegemonia de Ponta Delgada na ilha e nas ilhas. É ela quem faz a mediação entre a Região e o exterior. Isso será atenuável, no que respeita à tripolaridade, pois a Ribeira

Grande tem capacidade demográfica e económica. Devem-se criar mecanismos para um melhor conhecimento das realidades urbanas insulares. **A Cidade da Ribeira Grande tem que encontrar a sua identidade e transmitir aos outros as suas potencialidades, por uma questão de imagem e sobretudo de reposição - se não mesmo de reafirmação no contexto actual. Há que veicular novas representações face à Região e instituir uma nova mediação face às restantes cidades.**



Contributos para definir uma Identidade

HT: Até aqui, dos traços que definem a Ribeira Grande, temos: o seu grande interconhecimento, a ribeira, o mar e o seu peso socio-económico. No entanto, é necessário precisar o seu sentido de identidade. Quer comentar a problemática relacionada com a Identidade dos espaços? E neste caso, o que mais poderá ajudar a definir a Ribeira Grande como cidade?

LT: A identidade passa sempre por salientarmos os elementos que nos podem referenciar e que permitem reforçar a nossa individualidade face aos outros. Não há nenhum sentido pejorativo no interconhecimento. Acho até que, no desenvolvimento das sociedades humanas, a negligência de uma identidade e dos aspectos de diferenciação, foi uma perda. Se há uma cidade que nos pode preservar isso, ela terá uma identidade fundada nisso, bem como em outras coisas. É mais um elemento de individualização. Para mim, como para qualquer especialista nesta área, o conceito de cidade continua a ser muito ambíguo, até mesmo problemático. Consoante os objectivos de estudo, de acordo com a diferenciação disciplinar, existem diversos critérios de aferição. Nomeadamente o Instituto Nacional de Estatística (INE) privilegia a concentração populacional, ou seja, a densidade; por outras palavras, o número de pessoas 'amontoadas' por quilómetro quadrado.

MM: No caso do concelho da Ribeira Grande, face aos últimos dados disponíveis, para uma área de 179,5 Km², apresenta uma densidade de 164 habitantes por Km². **Ou seja, logo a seguir ao de Ponta Delgada (275,2 habitantes por Km²; área 231,9 Km²) é o segundo concelho com mais densidade populacional na Região Autónoma dos Açores.** Angra do Heroísmo apresenta 150,3 habitantes por Km², para uma área de 237,52 Km²; a Praia da Vitória com uma área geográfica de 162,29 Km² tem uma densidade populacional de 132,6; finalmente, a Horta com 169,94 quilómetros quadrados de área tem uma densidade de 86,6.

LT: O critério do INE, em meu entender, é mais ou menos 'amorfó'. A concentração num dado espaço, só por si, não nos informa muito acerca da realidade com pendor mais ou menos urbano, e muito menos acerca dos modos de vida. Em Sociologia prefere-se, antes, usar critérios tais como os que registam os modos de vida típicos, as formas de subsistência típicas. Em suma, mais ou menos aquilo que remete para a natureza das actividades desenvolvidas, e também a questão das densidades e da natureza dos relacionamentos em termos de espaço de sociabilidade. Isso é que importa, e é isso que é susceptível de conferir uma identidade própria, diferente, permitindo diferenciar espaços urbanos, quer sejam insulares ou continentais.

HT: Pelo que entendi, a Ribeira Grande não deverá ter a preocupação de importar acriticamente modelos a ela estranhos, mas sim ter o cuidado em apostar forte naquilo que tem e naquilo que é. Por outras palavras, na sua sociabilidade e na sua tradição económica.

LT: Exactamente. Porém, é incontornável a adopção de outros modelos. Não há nada a fazer. Vivemos num tempo de globalização e importamos outros modelos. O que poderá conduzir a uma certa desagregação de modos de vida tradicionais. A nossa integração e interação com espaços mais alargados leva a isso. Este aspecto ainda é, neste contexto, mais importante pelo facto de estarmos inseridos numa rota/destino turístico internacional. Certo é que as pessoas vêem, ouvem e lêem sobre outros modos de vida, o que inevitavelmente as levará a adoptar outros hábitos. Isso prejudicá-las-á em alguma coisa? Bom, se a identidade for suficientemente forte, não. É sempre possível, e mesmo inevitável, integrar novos valores. No entanto, tal não pressupõe a exclusão dos antigos. Por isso, se aposta tanto na sua preservação: o caso da sociedade nipónica é disso exemplo.

Rural versus urbano?

HT: A dicotomia rural versus urbano é também deveras pertinente, dadas, muitas vezes, as dificuldades na delimitação de fronteiras entre ambos os termos. Gostava que nos ajudasse a discernir tal problema, concentrando a sua atenção para o caso da Ribeira Grande.

LT: Podemos caracterizar fundamentalmente o padrão a tender para o rural ou para o urbano de acordo, preferencialmente, com a natureza das actividades que prevalecem num dado espaço. Neste caso, o que ocupa mais as pessoas, em termos da sua vida activa, a avaliar pelos valores registados nas freguesias, é seguramente o terciário, que como sabemos se traduz num grande peso em todas as ilhas. Aliás, é uma particularidade da Região registar uma percentagem tão considerável de população concentrada no terciário. Sucede que esta forma de trabalho e de rendimento, que constitui a natureza do emprego, caracteriza em muito o padrão rural/urbano. Um padrão é mais rural quando tem uma predominância do primário. **Apesar de se verem muitas vezes os Açores como um prado de 'vaquinhos', no ponto de vista da captação de mão-de-obra, não é a agricultura o sector com mais peso. E, na Ribeira Grande, de facto, isso também não se verifica.**

Defendo que nunca é possível uma classificação dicotómica rural/urbano, mesmo assente em indicadores desta natureza. O que é possível obter é uma hierarquia, uma ordenação de espaços de acordo com um conjunto de dados onde se inserem. O que eu vejo, nomeadamente em termos dos valores da distribuição sectorial do emprego, para sermos mais precisos, é que houve uma diminuição considerável dos sectores primários em todas as freguesias da Ribeira Grande, sendo isso mais evidente no Porto Formoso, Pico da Pedra... A

Maia, por exemplo, baseando-me na variação ocorrida na década de oitenta, de acordo com o Censo de 1991, perde 25% dos efectivos do sector primário. A expectativa é que esta tendência prossiga na década de noventa.

HT: Como disse, a terciarização da economia é uma situação que se generaliza à ilha e à própria Região. Porém, como enquadra, em concreto, a Ribeira Grande nesse contexto?

LT: Exactamente. É um fenómeno global. Dado o peso da Administração Pública Local e Regional, o terciário tem muito peso. **A verdade é que no sector dos serviços, portanto no terciário, o concelho da Ribeira Grande, captou mais gente do que em qualquer outro concelho. O crescimento do terciário, por exemplo, nas freguesias Matriz e Pico da Pedra apresenta uma variação percentual de 26%.** O terciário cresceu nesta década 26%. Em determinadas freguesias como Arrifes, 15%, na Matriz de Ponta Delgada, só cresceu 12%; isto é, não cresceu tanto porque já tinha um terciário bastante consolidado. **Do ponto de vista da terciarização, são bastante claros os indicadores que se registam no concelho da Ribeira Grande. Podemos equiparar a Ribeira Grande, em termos do seu peso, aos pólos, actualmente, mais urbanos do arquipélago.**

HT: O que é de realçar, dado que tal situação ocorre, não devido a uma presença da Administração Regional no seu interior, tal como acontece em outras cidades açorianas, mas da sua iniciativa privada.

LT: Traduz um certo dinamismo das iniciativas privadas, particularmente quando se reflecte aqui o sector dos serviços e seus similares. Porém, não estou a querer dizer que a Ribeira Grande se posiciona acima, atrás

ou que tende a igualar os outros concelhos. O que é um facto é que é preciso tentar perceber de que modo é que as populações vivem. Isso é que interessa. Como é que se reparte a população activa pelos três sectores?

MM: Estes indicadores incidem sobre a população residente. Mas, tal não refere o seu local de trabalho. No Pico da Pedra, por exemplo, a população residente trabalha quase toda em Ponta Delgada.

LT: Eu situo-me nas características da população, ou seja, como é que uma dada população se emprega. Não estou a dizer que ela se empregue forçosamente no concelho da Ribeira Grande. Sucede que em 1991, praticamente 60% da população do Pico da Pedra encontra-se no sector dos serviços. Existe, de qualquer modo, mobilidade e isto em qualquer espaço em que nos situemos. E, neste caso, é da população do concelho da Ribeira Grande que estamos a falar.

HT: No caso das freguesias citadinas, poder-se-á cruzar estes indicadores com indicadores produtivos, com vista a se indagar sobre o emprego residente?

LT: É possível e desejável. Sou apologista de que não se deve trabalhar com um indicador isolado. Devemos tentar cruzá-lo com outros, pois, só assim se poderá ter uma melhor aproximação à realidade. Por acaso não disponho destes indicadores produtivos. Só tenho alguns que referem as características dos residentes. Aquilo que declararam no Censo de 1991: a natureza da actividade, habilitações, uma série de atributos individuais e familiares. Qual a razão por que estou a levantar esta questão? Parece-me que para caracterizar os modos de vida das populações, é a situação perante o trabalho que melhor define a realidade de um espaço.

Fazer compras na Ribeira Grande

MM: Gostava de lançar uma outra questão, parecendo-me que nela há uma certa distorção. Vejamos: há tempos li numa publicação oficial que o poder de compra dos habitantes do concelho de Ponta Delgada, se não estou em erro, cifrar-se-ia na casa dos 80%, tendo como padrão o poder de compra da Grande Lisboa, e que no da Ribeira Grande seria de cerca de 50%, não atingindo os 60%. Mais tarde, com algum espanto, a INSCO, através do Dr. Paulo Neves, em entrevista concedida a um jornal de Ponta Delgada, veio dizer que, para o caso da Ribeira Grande, aqueles dados não batiam certo, pois o

poder de compra dos ribeiragrândenses é muito superior ao referido. Que eu saiba não foi contestado. Então, em que ficamos. Como são feitas as contas?

LT: Claro que deves questionar como são feitas as contas. E até mais. Por que é que se seleccionam uns indicadores em detrimento de outros. A própria selecção dos indicadores está sempre implícita nos objectivos que o discurso visa: o que se pretende alcançar ou o que se pretende legitimar obviamente que induz a escolher uns indicadores em detrimento de outros. O poder de compra, como qualquer indicador isolado, encobre grandes disparidades. O

interesse é enquadrá-lo em outros indicadores. Se soubesse como se distribui o poder de compra destas pessoas, tendo em conta, por exemplo, onde trabalham, a actividade que exercem ou eventualmente o seu nível de habitação teria um quadro mais completo. De outro modo, querer comentar isoladamente isso é incorrer em riscos. Relativamente ao poder de compra, mais importante do que existir poder de compra é saber qual a origem dos rendimentos.

Quanto a esta questão gostaria de dizer o seguinte: é sobre a desigual distribuição de recursos no espaço que se geram as

principais desigualdades sociais. De facto, houve tradicionalmente uma distribuição muito desigual e dispar dos recursos quer industriais quer sociais, mesmo à escala desta ilha, e particularmente, entre as Cidades da Ribeira Grande e Ponta Delgada. Por conseguinte, não custa a crer que, actualmente, as ofertas em termos de consumo massificado também o sejam. **Se, de facto, os locais de consumo massificado atraem mais gente, Ponta Delgada, obviamente, revela-se um local mais atractivo do que a Ribeira Grande. Porém, para termos desenvolvimento, prestígio e reconhecimento, não somos obrigados a oferecer o mesmo que os outros oferecem. Costumo dizer que devemos antes salientar as nossas**

diferenças, não querer ser igual, porque a identidade se não for o resultado das diferenças, é uma identidade diluída.

MM: Estes indicadores, se não estou em erro, são obtidos através do 'onde se compra' e não de 'onde é quem compra'. Porém, quero distinguir o seguinte: Se existe uma boa oferta, seja em Ponta Delgada ou na Ribeira Grande, tens um mercado que atrai população residente ou não. Toda a gente da ilha vai comprar às lojas de Ponta Delgada. Para obter o poder de compra, o volume de vendas é, então, simplesmente dividido pelo número de habitantes do concelho de Ponta Delgada, sem ter em conta os compradores não residentes.

Diga de sua Justiça...

Alvitres: Precisa-se Nova Escola



A antiga Escola Preparatória, ainda hoje assim conhecida, instalou-se numa casa rural do Século XVII. Com os 2º e 3º ciclos passou a ser Escola Básica 2/3 Gaspar Frutuoso. Foi ampliada e foram construídos dois pavilhões para aulas em épocas diferentes.

Ficou uma espécie de manta de retalhos com quatro unidades desarticuladas entre si, com acessos desconexos, o que agrava a confusão natural que se estabelece nos espaços superpovoados. O 3º Ciclo do Ensino Básico apenas existe para justificar a tipologia da Escola, existindo apenas 6 turmas do 7º ao 9º anos, uma delas com mais de 30 alunos. O número de salas é um obstáculo limitativo para um aumento do número de turmas. No 3º Ciclo, as horas de algumas disciplinas nem possibilitam a existência de horários completos. Os restantes alunos, de Santa Bárbara, Ribeira Seca e Ribeirinha frequentam a Escola Secundária e também aqueles que, sendo da Conceição ou da Matriz, "conseguem" transferir-se para esta ou para Ponta Delgada...

Cada vez, mais Escola Básica 1/2

Desde o ano passado, os alunos do 1º Ciclo que completam 12 anos e não tenham transitado para o 2º Ciclo, vão frequentar as aulas numa Escola

Básica 2/3.

Foi uma decisão acertada, porque veio aliviar as Escolas do 1º Ciclo, onde conviviam crianças do Jardim de Infância, desde os quatro anos, com os do 1º ciclo, até aos 15. As crianças mais novas eram vítimas da agressividade (para não dizer brutalidade) dos "matulões".

A Escola EB 2/3 Gaspar Frutuoso recebe agora todos os jovens dos 12 aos 15 anos das Freguesias da Área Escolar da Ribeira Grande, que frequentam o 1º Ciclo. Não são logicamente modelos de alunos bem comportados, criam situações censuráveis, difíceis de evitar por um corpo docente já exaurido por muitos anos de serviço, a controlar centenas de crianças e jovens na idade mais complicada.

A organização Escolar definida pela Carta Escolar vai dar origem, a partir do próximo ano lectivo, à Escola Básica Integrada da Ribeira Grande. As Escolas continuam a funcionar onde estão, mas os órgãos de gestão passam a ser comuns.

Só nas actuais seis escolas do 1º ciclo, espera-se que rapidamente se inicie a construção da nova escola da Matriz, continuarão cerca de 1300 crianças. Pela lógica, do 5º ao 9º anos, daqui a cinco anos, haverá os mesmos 1300, ficando a Escola Básica Integrada com uma população escolar de 2600 alunos, muito acima do que o Governo considera aceitável.

Como poderão caber 1300 alunos do 1º (dos 12 aos 15), do 2º e 3º ciclos nas actuais instalações da Escola Gaspar Frutuoso? Só se passar a ser Escola 1/2!

Nova Escola na Ribeira Seca

A partir do próximo ano lectivo, as escolas são obrigadas a manter os alunos que não completam o 9º ano até aos quinze anos, mantendo-os até aos 18 anos a frequentar a mesma escola.

Assim, além de receber os alunos do 1º Ciclo, a Gaspar Frutuoso vai admitir a frequência de todos aqueles alunos no horário diurno.

Num futuro próximo de seis anos, ou seja, na próxima legislatura, a escolaridade obrigatória vai passar a ser de 12 anos. Pela mesma lógica, a Escola Secundária deverá passar a ter a sua frequência aumentada - recorde-se que esta recebe todos os alunos do ensino Secundário das 14 freguesias do Concelho.

Se actualmente é insuportável para a Gaspar Frutuoso receber todos os alunos dos 1º (dos 12/15 anos), 2º e 3º ciclos (até aos 18), então daqui a seis anos será impossível.

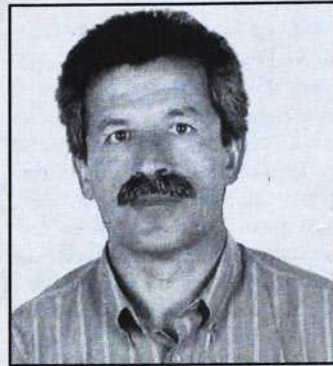
Como uma escola não se constrói de um ano para outro, é agora que tem de se programar.

Desta forma, a Área Escolar da Ribeira Grande passaria a ter dois "territórios": uma Escola Básica Integrada abrangeria as Freguesias da Ribeirinha, Matriz e parte da Conceição e a outra (a construir de novo) teria os alunos da Conceição, Ribeira Seca e Santa Bárbara. A localização ideal seria o espaço ainda não urbanizado entre as Freguesias da Conceição e Ribeira Seca.

Os projectos de loteamento aprovados naquela zona (e na freguesia da Matriz), mais justificam a previsão do aumento de população, e consequentemente da população escolar.

O Plano de construções escolares neste Plano do Governo Regional não prevê esta proposta, mas é necessário que se comece já a estudá-la, de modo que o próximo Governo a apresente como prioridade e com projecto já definido. Só assim será possível ter a **nova Escola construída daqui a seis anos, evitando uma situação irresolúvel nessa altura.**

Luís Noronha



A condução das sociedades democráticas assenta no regular funcionamento das instituições políticas, legitimadas pelo voto popular, sendo que aos seus titulares compete definir e fazer executar as linhas orientadoras para o seu desenvolvimento económico, social, cultural e civilizacional.

Todavia, da denominada sociedade civil exige-se uma participação influenciadora daquela condução com a apresentação de ideias inovadoras, que devem ser, por vezes, perturbadoras e incómodas, com o objectivo de extinção das decadentes, ultrapassadas e injustas. Estas, mais tarde ou mais cedo, acabam por se finar se houver outras mais determinadas e fundamentadas.

Seria uma sociedade castradora e reducionista aquela que não estivesse aberta à participação dos seus cidadãos mais válidos e aptos à colaboração no seu destino. Dos poderes públicos democráticos espera-se que, na escolha e implementação dos seus projectos tenham em conta as propostas e ideias que possam vir daqueles que se mostrem mais capacitados. A este propósito, afigura-se fazer sentido falar na obrigação de cidadania que recai sobre os que, pela suas qualidades, competência e formação, quer culturais quer

João Correia

técnicas, devem tomar posição no sentido de despertar consciências menos sensíveis e abertas. Não é lícito o alheamento que não possibilite aos outros o contacto com a luz, mas unicamente com as sombras.

Os meios que, nos tempos que correm, estão ao dispor da divulgação das ideias são extremamente variados e, talvez, demasiados. Desde a televisão à rádio, passando pelos jornais e pelos mais modernos meios de comunicação, a oferta é enorme. Parece-nos, no entanto, que nas pequenas comunidades o jornal de cariz localista apresenta-se como a forma mais eficaz e privilegiada para o debate e circulação de ideias dos seus cidadãos.

O aparecimento do jornal *A Estrela Oriental* passa a ser o instrumento que, talvez, a alguns ribeirãograndenses faltava para poderem lançar as suas preocupações, anseios e contributos. Surge ao mesmo tempo como um desafio à participação dos cidadãos conscientes. A vontade de intervenção destes, conta agora com mais uma porta que se abriu.

Para os que entendem que intervir na política, na cultura, nas questões sociais ou noutras áreas da vida humana é uma forma de entrar em relação com as pessoas, existe mais esta nova oportunidade que deve ser vista como um acto impregnado de salutar irrequietismo. Convirá que ela conte com o ânimo necessário que lhe permita ter a durabilidade que a própria terra onde nasceu bem precisa.

Por isso, esperemos que saibam aproveitar esta iniciativa apelativa do dever de participar.

Diálogos - Dr. Licínio Tomás (Continuação da página 7)

Turismo? Que seja o rural

MM: Ponta Delgada e a Ribeira Grande entretêm desde o início do povoamento laços de complementaridade económica. Enquanto a primeira não possuía praticamente moinhos, a segunda tinha-os em abundância, e aí por diante. Em todos os inapropriadamente designados Ciclos económicos, o do trigo, o do pastel, o da laranja, o da vaca, houve uma certa complementaridade e equilíbrio. Excepto neste novo que se avizinha: o do Turismo. Lêem-se, em jornais de Ponta Delgada, opiniões deste jaez: hotéis rentáveis só em Ponta Delgada, porque aí existe vida nocturna. A estes respondo: onde não existe, nada impede que não se crie. Ou, recentemente, num outro órgão de comunicação social da mesma Cidade: já temos hotéis a mais para a época baixa. Perante isso, os investidores locais retraem-se na expectativa, outros ficam apáticos.

LT: Está muito na ordem do dia dizer que dos recursos utilizáveis, ou potencialidades, que os Açores possuem, o Turismo pode ser uma via de desenvolvimento. Quanto a essa problemática, sempre achei que, à semelhança do que sucede no

Continente, sempre quisemos oferecer aos turistas aquilo que eles têm em abundância nos seus países: altas torres, buildings, meras réplicas, quando temos mais valias endógenas para lhes oferecer. Eu também lecciono a Cadeira de Estudos de Mercado. Os consumidores europeus são extraordinariamente selectivos. Procuram espaços periféricos, ou ultraperiféricos (não é por nada que se quer dar o estatuto de ultraperiféricidade aos Açores), espaços de qualidade e de lazer. Tais espaços não têm de recriar aquilo que lhes é oferecido mais perto da porta: os seus Centros Comerciais, os seus Hipers, o seu modo de vida. Ao folheamos, por exemplo, a revista *Terre Sauvage*, uma das muitas dirigidas ao turista selecto e naturalista, vemos que aí se privilegia o contacto com a Natureza. Os Açores, em termos de relação com a Natureza, já aí aparecem e usufruem de uma boa imagem. Posso dizer, pelo que leio e pelo que me dizem alguns dos meus amigos estrangeiros, que foi feliz a iniciativa do 'slogan' publicitário 'Natureza Intacta', porque traduz o estado de pureza quase originário, isto é, quase sem o toque e a intervenção do



Homem. A Ribeira Grande não necessita, pois, de adoptar o mesmo modelo de captação dos outros pólos. Não propriamente um Turismo de massas, talvez um Turismo Rural, um que permita desfrutar a Natureza.

MM: Não será tanto assim, infelizmente, há muita poluição oculta. Agora, não se trata de uma opinião pessoal. Na prática, de acordo com alguns ribeirãograndenses, passa-se, em termos quase caricaturais, o seguinte: temos o turismo a tender para a massificação a 'borbulhar' por toda a ilha, dorme-se em Ponta Delgada, toma-se café e bebe-se um licor de maracujá, quando muito almoça-se, 'atulha-se alguns pontos visitáveis e vamos embora que já se faz tarde'. A Ribeira Grande serve de passagem e recebe 'umas migalhas'. É essa a diferença entre o Ideal e o Real.

Rejuvenescer a Alma da Cidade

MM: Tenho esperança que o desenvolvimento urbano da Ribeira Grande caminhe para uma urbe de rosto humano, sem o aspecto algo depressivo e cinzento, onde seja agradável permanecer.

LT: Ninguém prevê o futuro.

MM: Existem, no entanto, já indícios do futuro. Há pressões para que se concretizem determinadas infraestruturas, por isso há que ter em conta estes factos no presente.

LT: Isto remete-nos para a propensão para a iniciativa. Não devemos ficar na expectativa, a ver o que é que acontece. O futuro, é, muitas vezes, feito e conjugado no presente, ou seja, as antecipações e as contingências reflectem-se numa dada evolução, mas estas não são obra do acaso, podem ser perspectivadas para um futuro mais promissor. Sou apologeta da iniciativa negociada, debatida. Não sou a favor das iniciativas que, por uma questão de posição estratégica de poder, por parte de determinadas elites, sejam levadas à prática como se de uma obra personalizada se tratasse para deixar a sua marca para a posteridade. **Se o turismo não for pensado de acordo com a sua inter-relação com o pólo**

de chegada, que é Ponta Delgada, teremos um Turismo periférico.

MM: Verifica-se, por exemplo, na Ilha Terceira, claramente, uma partilha entre as duas cidades da ilha. A Praia da Vitória, ao que parece, é o ponto de entrada e de saída, enquanto Angra do Heroísmo é mais local de permanência. A Ribeira Grande ainda não se assumiu efectivamente como segunda cidade da ilha de São Miguel. Porquê? Porque ainda não redescobriu a sua identidade, nem, por conseguinte, por causa disso, a sua vocação. Ou a sua Alma.

HT: Aliás, ao que parece, perdeu-a. Tem que recuperá-la.

LT: Eu creio que a Alma é algo muito sólido e permanente. Pode ser efusiva ou pode estar num estado latente. Na Ribeira Grande, estará mais latente.





*Boa Gastronomia
com o Mar
Como Horizonte*

Largo East Providence, 68 - Ribeira Grande - Telef. 296 473 516 - Fax 296 473 023

**A S S I N E
A ESTRELA ORIENTAL**

Esperamos por si...



CENTRO COMERCIAL RIBEIRA GRANDE

TELEFONE 296472402

Um activista da terra



Para uma localidade é sempre necessária a referência a pessoas que se distinguiram e se tornaram figuras, a merecer reconhecimento, ao mesmo tempo que são exemplo a evocar saudade. O procedimento que tiveram, no seu dia-a-dia, de modo particular a dedicação pelo prestígio do torrão natal e os esforços nas mais variadas áreas que empregaram pelo progresso colectivo, constitui lição proveitosa a seguir. Há cerca de quarenta anos, faleceu na Ribeira Grande, José Pereira da Silva, que, sem favor, foi um ilustre cidadão que se empenhou bastante pela valorização desta terra, não se poupando a sacrifícios, por vezes à custa da sua saúde. Foi um pedagogo na verdadeira acepção da palavra, norteado constantemente por um ideal de aperfeiçoamento das

estruturas da comunidade. Sendo enfermeiro de profissão, trabalhou no hospital ao longo de quatro décadas e o seu profissionalismo tornou-se proverbial até na ilha de São Miguel. A sua experiência, a sua competência e o seu zelo no trato com os doentes – foram outras tantas motivações para ser autêntico benfeitor desta terra.

Deu o seu valioso contributo para a vida comunitária como vereador da Câmara, interessando-se por tudo o que fosse para o bem dos indivíduos e da terra. No campo cultural, deu o seu melhor entusiasmo pela Música, valendo-se da sua actuação como dirigente da filarmónica TRIUNFO. Aliando-se a esta situação, foi cultor e defensor do bom nome da Ribeira Grande como jornalista. Exerceu, com brilhantismo, o cargo de correspondente do *DIÁRIO DOS AÇORES* e “criou” um jornal para o nosso meio com a *VOZ DA RIBEIRA GRANDE*, a qual saía, com certa regularidade naquele prestigioso jornal. Nessa afamada página, conseguiu a colaboração de nomes ilustres ribeiragrandenses, debatendo-se questões e problemas de grande alcance para a melhoria da



José Pereira da Silva

comunidade local. Na sua actividade não se pode esquecer o testemunho de cristão, dado em diversas ocasiões. Como membro da Direcção da Irmandade do Senhor dos Passos, conseguiu que o cortejo religioso, do

Terceiro Domingo da Quaresma, fosse conhecido como o mais solene de São Miguel. Idêntica preocupação teve com a solenidade do Senhor Santo Cristo dos Terceiros. Pertencendo à Conferência de S. Vicente de Paulo,

instituiu, de parceria com o capelão do Hospital, o PÃO DE SANTO ANTÓNIO, distribuindo mensalmente, no dia 13, centenas de pães de milho e de trigo a famílias carenciadas das três paróquias – Matriz, Conceição e São Pedro. Para tanto, formou-se uma “irmandade” que, com as suas ofertas, permitia a compra do pão. Pelos seus dotes de bondade, pela sua cultura, pela sua formação cívica e moral, José Pereira da Silva foi um ribeiragrandense de muito prestígio, sendo as suas opiniões ouvidas com atenção e, até, nas cerimónias e em sessões da mais variada natureza, era ele o homem das relações públicas. Apesar da sua intensa actividade, sabia sempre orientar o tempo, marcando com pontualidade a sua presença e o seu apoio. A sua pessoa e a sua obra merecem da nossa comunidade ribeiragrandense o maior respeito e a mais profunda admiração!

E. Manuel

JOSÉ DO COUTO, LDA.

AREIA DRAGADA
E AREIA FABRICADA

EMPREITEIRO DE OBRAS PÚBLICAS
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

ESTRADA REGIONAL, N.º 34 ♦ 9600-214 RIBEIRA SECA RGR
TEL.: 296 470 410 ♦ FAX: 296 470 419



RIVER PUB

Nova Gerência

2ª a 5ª Feira
das 19H00
às 24H00

de 6ª Feira
a Domingo
das 18H00
às 02H00

Rua da Ribeira, nº 2 - R. Grande
Telefone 296 473 265



ATS Alvaro Tavares Silva

Chaparia * Pintura * Revendedor CIN * Pronto Socorro

Contribuinte n.º 812 052 153

OFICINA: Estrada Regional, Ribeirinha - Tel: 296 479 626
LOJA: Rua da Praça, 24 - Matriz - Tel/Fax: 296 472 595
9600 Ribeira Grande - Telex: 96 2561 400

Sapataria LIMA

Rua Gonçalo Bezerra, 37
9600 Ribeira Grande
Telefone: 296 472732

casa & objectos

Ribeiragrãndense

Abertos ao sábado

AÇORES

Precisa Saber Que...

Museus

Cidade
Museu da Ribeira Grande
Sede: Coleções etnológicas, arqueologia, cerâmica, Presépio Movimentado, Laboratório arqueológico
Rua S. Vicente Ferreira, 10
2.ª a 6.ª feira - 8:30 - 12:30
13:30 - 16:30
296 472 118, ext. 33,37, 39
Arquivo arqueológico/ Largo das Freiras Reservas visitáveis (a abrir brevemente), Rua do Estrela

Museu de Arte Sacra
Sacristia e Arcaño Místico
Igreja Matriz
296 473 660

Concelho
Museu do Pico da Pedra
Rua da Paz
2.ª a 6.ª: 9 às 12 - 14 às 18
Etnografia local e exposições temporária
296 498 770

Bibliotecas

Cidade
Serviços de Documentação/Museu da Ribeira Grande:
Biblioteca: Arqueologia, história geral, nacional, açoreana e local, museologia, etnologia, literatura açoreana
Hemeroteca: Jornais locais e boletins
Iconoteca: arquivo fotográfico
Arquivo: histórico
Todos os dias úteis das 8:30 às 12:30 e das 13:30 às 16:30
Rua S. Vicente Ferreira, 10
296 472 118, ext. 33
e-mail: info@bib-pub-ribeira-grande.rcts.pt

Calouste Gulbenkian
Especializada em literatura geral, obras de referência e internet
e-mail: info@bib-fixa-ribeira-grande.rcts.pt

Juvenil
Literatura infantil e para adolescentes. Jogos, trabalhos manuais, contos e vídeos.
Todos os dias úteis das 9-12:30 e das 13:30 às 17
Rua da Praça, n.º 5
296 472 118, ext. 27

Livraria

Terceiras Tabacaria e Livraria
Rua Gonçalo Bezerra, 6-8
296 472 804

Alojamento

Cidade
Residencial da Ribeira Grande
Rua dos Condes
296 473 488

Casa S. Rita
Rua Gaspar Frutuoso, 21
296 474 074

Concelho
Quinta de Santana
Canada da Meca
296 491 241

Quinta das Areias
Canada dos Mingachos
Rabo de Peixe
296 491 066

Casa das Calhetas
Rua da Boa Viagem
Calhetas
296 498 120

Solar de Lalém
Estrada S. Pedro - Maia
296 442 004

Herdade de Nossa Senhora das Graças
Lomba da Maia
296 446 369

Casa da Ribeira
Quinta da Ladeira
Lomba de S. Pedro

Teatro Centro Cultural

Cinema: Todos os dias a partir das 21:45
4.ª Feira: Matinée às 14:30 e Soirée às 21:45
Domingo: Matiné às 15:30 e Soirée às 21:45
Bilheteira: 296 474 100

Centro Cultural:
Academia de Música / Pontilha
Área escolar da Ribeira Grande:
Expressões musical e dramática /
Clube de informática / Associação de Jovens Jornalistas
Rua El-Rei D. Carlos I
Geral: 296470340
Administração: 296470 345

Comunicação Social

Rádio Nova Cidade
Rua Adolfo Medeiros
296 472 738

Jornal A Estrela Oriental
Centro Cultural
Apartado 6, 9600 - Ribeira Grande

Hospital

Cidade
Hospital da Ribeira Grande
Rua de S. Francisco
296 472 128

Concelho
Posto de Saúde da Maia
Boavista
296 442 600

Posto de Saúde de Rabo de Peixe
Escolas Novas
296 491 783

Posto de Saúde de Fenais da Ajuda
Avenida do Pensamento
296 462 555

Farmácias

Cidade
Misericórdia
Rua de S. Francisco, 19-23
296 472 359

Central
Rua de S. Francisco, 20-22
296 472 426

Ribeirinha
Rua do Jogo 1-A
296 479 202

Concelho
Borges da Ponte - Rabo de Peixe
Rua Padre João J. Sousa, 30
296 491 312

Posto Farmacêutico - Pico da Pedra
Rua Dr. Moniz M. Mota, 9
296 498 600

Santa Casa da Misericórdia - Maia
Rua da Boavista
296 442 244

PSP

Cidade
Rua do Ouvidor, 25
296 472 120, 296 473 410

Concelho
Maia
Rua Santa Catarina, 9
296 442 444

Rabo de Peixe
Av. D. Paulo J. Tavares
296 491 163, 296 492 033

Bombeiros Protecção Civil

Cidade
Serviço
Rua da Praça, 47
296 472 899

Concelho
Maia (Urgência)
296 446 017

Lomba da Maia - Outeiro
296 446 175

Correios

Cidade
Rua N. Sra. da Conceição
296 470 140

Concelho
Maia
Estrada S. Sebastião
296 440 000

Rabo de Peixe
Rua N. Sra. de Fátima
296 490 140

Pico da Pedra
296 498 770

Serviços do Estado e Outros

Centro de Prestações Pecuniárias
296 472 030

Conservatória de Registo Civil
Rua Conde Jácome Correia
296 472 555

Conservatória do Registo Predial
Rua Sousa e Silva
296 472 133

Cartório Notarial
Rua Conde Jácome Correia
296 472 115

Delegação da Câmara de Comércio e Indústria de Ponta Delgada
296 472 375

Repartição de Finanças
Rua do Espírito Santo, 2-4
296 472 211

Tribunal Judicial
1.º Juízo / 2.º Juízo
Rua Sousa e Silva, 7
296 470 300

Turismo

Posto Municipal de Turismo
Jardim do Paraíso
296 474 332

Autarquias

Cidade
Câmara Mun. de Ribeira Grande
Largo Artur Hintze Ribeiro
296 472 118

Junta de Freguesia de Ribeirinha
Rua Aristides Soares Gamboa, 26
296 479 431

Junta de Freguesia de Matriz
Rua Prior Evaristo C. Gouveia
296 473 512

Junta de Freguesia de Conceição
(Prov.) Rua de N. Sr.ª Conceição, 114
296 472 270

Junta de Freguesia de Ribeira Seca
Rua do Mourato, 1
296 472 845

Junta de Freguesia de S. Bárbara
Rua N.ª Sra. das Vitórias, 49
296 477 166

Concelho
Junta de Freguesia de Lomba de S. Pedro - Covão
296 462 550

Junta de Freguesia de Fenais da Ajuda
Rua da Canada
296 462 402

Junta de Freguesia de Lomba da Maia
Largo da Igreja
296 446 041

Junta de Freguesia de Maia
Rua Santa Catarina
296 442 246

Junta de Freguesia de S. Brás
Rua Nova, 13
296 442 850

Junta de Freguesia de Porto Formoso
Rua Pe. João B. Couto, 19
296 442 474

Junta de Freguesia de Rabo de Peixe
Rua do Rosário, 29
296 491 266

Junta de Freguesia de Calhetas
Largo da Igreja
296 498 270

Junta de Freguesia de Pico da Pedra
Avenida da Paz, 14
296 498 770

Saudamos toda a população do concelho da Ribeira Grande esperando receber-vos em breve na nossa loja.



Rua Poeta Oliveira San Bento
Tel.: 296 473 555
Conceição • Ribeira Grande

SEMPRE BOM!

Peixe, Carne e Marisco Vivo

Cherne
Albacora
Goraz
Pargo
Rocaz
Abrótea
Garoupa



Cavaco
Cracas
Lapas
Lagosta

Ribeira Seca - Ribeira Grande
Telefone: 296 472641

Nortadas

AVISO à navegação!
O sonho sempre acalentado do jornal da Ribeira Grande só se tornará numa realidade duradoura, se houver colaboração e empenho de todos: colaboradores, patrocinadores e leitores. O resto são cantigas!

Reacções I
Um indefectível cúmplice deste projecto, de barba rija e pêlo no peito, com o saudável perfil de 'macho latino', ao folhear o *A Estrela Oriental* pela primeira vez, com voz embargada pela emoção, nós fomos testemunha disso, exclamou alto e em bom som: 'Estou de tal maneira contente que me apetece chorar.' Quem seria?

Reacções II
Um outro, geralmente muito descansado, tal qual a Paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, ficou eufórico, saltitando com desacomumada leveza, parecia uma 'melro negro', não caído em si de contente, desatou a proclamar a Boa Nova *urbi et orbi* no púlpito e no éter. Adivinhem quem será?

Reacções III
Houve quem não contivesse as lágrimas - *um Homem também chora e não se deve envergonhar por isso* -, ao ouvir as pessoas, desde as muito letradas às menos letradas, ou às nada letradas pedirem: 'Eu quero o jornal da minha terra.'

Reacções IV
Para os que querem ter Futebol no *A Estrela Oriental*, calma, muita calma! O jornal só agora renasceu e a época futebolística ainda mal acabou. Mais perto do vinho novo, irão certamente ter surpresas.

Os CTT, a imagem da Cidade e o desconforto dos uentes



Ir aos CTT da Ribeira Grande, em muitos dias da semana, é um martírio! Há quem lá chegue a ir duas, três, quatro e mais vezes, até finalmente ser atendido. O minúsculo quarto enche-se em duas penadas, enquanto o Diabo esfrega um olho. Mais vezes do que as devidas, a 'multidão', enquanto aguarda a vez, procura espaço fora, nas ruas de Nossa Senhora da Conceição e Dr. Eduino Rocha. É uma dor de alma ver, sobretudo velhos e pessoas com dificuldades várias, aguentar de pé nas filas, tempos sem fim. As pessoas queixam-se, os comerciantes em particular. O que se passará? No período em que o CTT se limitava ao estabelecimento de ligações telefónicas e à distribuição postal, sobretudo das cartas e encomendas da América, do Canada e das Bermudas, os seus serviços na Cidade da Ribeira Grande dispunham da totalidade do espaço do edifício actual e de

postos disseminados pela Ribeirinha, Ribeira Seca e Santa Bárbara. Recentemente, apesar desta empresa ter cedido a exploração dos telefones à Portugal Telecom, a relação entre os serviços prestados e a facturação disparou a olhos nunca dantes vistos: Desde o pagamento de reformas, passando pelos certificados de aforoço acabando numa caterva diluviana de incumbências. Ironicamente, não dispõe já dos referidos postos e reduziu o espaço, agora partilhado com a Portugal Telecom. Louva-se a eficiência e a dedicação do reduzido número de funcionários, não podemos, todavia, como gostaríamos, tecer loas às acanhadas e desconfortáveis instalações. Em próxima remodelação, é de exigir-se aos CTT, empresa a quem muito a Ribeira Grande deve, e vice-versa, que pondere a construção de raiz de um novo edifício, de modo a dignificar a imagem da nossa Cidade e a da empresa. Não seria, em nosso entender, 'atirar dinheiro por água abaixo', a reabertura de postos na Ribeirinha e em Santa Bárbara. Afinal, a área urbana da Cidade terá cerca de 15 000 residentes, com tendência para aumentar. Entretanto, sugere-se ainda que se instalem duas máquinas com senhas e se facultem aos idosos mais umas cadeiras. Os cidadãos da terceira idade agradecem, bem como toda a Cidade. É de crer que seria um bom investimento para todas as partes.

'Casa roubada, trancas à porta?': Segurança na ponte dos Oito Arcos
Já agora, uma pergunta. Que estudos foram feitos à ponte dos Oito Arcos, concluída em 1895, nome sugerido pelo Dr. Jorge Gamboa de Vasconcelos, além da monografia histórica que o nosso Director lhe dedicou? Chegou-se a testar laboratorialmente a resistência dos arcos ao peso? Aliás, este estudo, ao que parece, é fundamental. Não se brinca, nem se deve tratar com ligeireza a segurança das pessoas. Por ali circulam milhares e milhares de pessoas; gente de carne e osso.

Parque da Cidade e Festa da Primavera
Apesar de discrepâncias temáticas, a última Festa da Primavera, não obstante o estado instável do tempo, pelos parâmetros da autarquia, foi um êxito. Será um êxito retumbante e inquestionável quando ela der origem ao necessário Parque da Cidade. Uns poucos alqueires de terra, plantas, água em abundância, árvores - muitas e de variadas espécies -, um arquitecto paisagista e alguns anos de paciência. Temos arquitecto paisagista na terra, o Senhor Presidente da C.M.R.G., ao que sabemos, concorda com a ideia, e trata-se de um óptimo investimento. Força Senhor Presidente. A qualidade de vida faz-se também com o ajardinamento de espaços, como o demonstrou ao ter a audácia e a teimosia em promover a Festa da Primavera. Estamos certos que o

alvitre não cairá em saco roto.

Atribuição do Prémio 'PICALLO'
Procura-se talentoso artista, autor anónimo de expressiva 'graffitti', na modalidade 'chapa de viaturas estacionadas na via pública', que com os seus traços firmes, fundos e cursivos, dignos de um PICASSO, dignificam superiormente a arte pública desta Cidade. Mereceu por parte do Júri deste prémio, constituído por uma vintena de proprietários dos carros intervencionados, a irremovível vontade em lhe atribuírem o prémio 'PICALLO'. *A Estrela Oriental* associa-se ao evento. Já era tempo de haver 'Arte Pública', neste caso também ambulante, de jeito na nossa Cidade. Aleluia!

TMN e nós!
Abriu, na rua de São Francisco, desta Cidade, uma loja da TMN. Bem o precisávamos. Fazemos votos para que quando algum aparelho se avarie não nos digam, tal como o fazem alguns comerciantes retrógrados e sem visão da nossa Praça: 'Só lá em baixo, na CIDADE!'

Bombeiros: Campeões europeus
Os nossos Bombeiros são o nosso orgulho. Eles e a Santa Casa da Misericórdia mantiveram acesos e bem alto, ao invés de tudo o mais, sem excepção, o brio e o orgulho da Capital do Norte. Estamos, no entanto, preocupados, com o atraso da construção do quartel. O que se passa? Seria para Março, estava tudo bem, faltava somente um mero plano de pormenor, se não nos erra a memória, o projecto de electricidade. Vamos a isso Viriato e Zeca. Força. Podem contar sempre com *A Estrela Oriental*.

Cavalhadas e a D. Maria Mota
Essa Senhora é a rainha da Cidade da Ribeira Grande. A ela e ao incansável Fernando Maré, devemos a face actual das Cavalhadas. Quem queira vê-la feliz, rejuvenescida, alegre, observe-a a presidir, na varanda do seu solar da Mafoma, às suas/nossas Cavalhadas. Obrigada, D. Maria Mota.

Auto-estima: De Hospital a Posto de Saúde, pela calada I



Em nome da descentralização concentrada, acordada entre os herdeiros das três defuntas sedes das Juntas Gerais, sem levantar ondas, de mansinho, pela calada, sem sermos 'tidos nem havidos', o Velho e Venerando Hospital Concelhio da Santa Casa da Misericórdia, de um dia para o outro, passou a um mero Centro de Saúde, apêndice do Hospital de Ilha.

Auto-estima: Ninguém nos liga! II
Se alguém quiser testemunhar da triste, vil e apagada importância política da Cidade da Ribeira Grande no contexto da ilha e do arquipélago, desloque-se aos serviços de urgência do seu Hospital, ou Centro de Saúde, ou, em rigor, Posto de Saúde. E nada

disso, creiam-me, tem a ver com a excelente maquinaria de que é apetrechado ou com a comprovada competência dos seus técnicos. Se esta prova não bastar, aconselho-o a ir ao edifício actual dos CTT. E também aqui, nada terá a ver com o esforço e a dedicação dos seus funcionários. Ou então, se não estiver ainda convencido, relembre-se do recamboloso episódio das 4 faixas para a estrada da Ribeira Grande. No primeiro caso, além de pequenas e médias e grandes escoriações e palpitações, tudo é encaminhado para o HOSPITAL. No segundo, as instalações são minúsculas e desconfortáveis, impróprias de uma imagem de Cidade. No terceiro, foi arrogante sobrançeria com que o NOSSO GOVERNO REGIONAL, apesar de ter parte da razão, nos tratou. Pode-se, então, concluir que: se esta AUTONOMIA é, pelos vistos, um mau negócio para nós, se nos elevaram a Cidade, tal como Capelas ou Água de Pau são Vilas sem Concelho, em nome da dignidade e da coerência, organizemos um movimento Cívico de Restauração de Cidade a Vila. Ponto Final. Afinal a *Autonomia* actual é tão concentrada como o sistema político vigente antes de 1895, só que agora, em vez do Terreiro do Paço, existe o Terreiro da Conceição. Já o escrevia um jornal da Ribeira Grande em finais do século XIX. Das duas uma: Ou acordamos, ou nos mudamos de armas e bagagens para a CIDADE, a única, a verdadeira, a CIDADE a sério.

Auto-estima: Lençóis emprestados & brio? III
Os lençóis do *Posto Médico*, tal como os caixotes de lixo do *Parque Desportivo da Ribeira Grande*, **destacam** a letras gordas o nome da outra Cidade da Ilha. Porquê? Isto é como ter em sua casa a mobília do vizinho. Agradecemos a quem nos emprestou, porém, é tempo de termos os nossos, de devolvermos aos outros o que é deles. Não acham?

As limpezas cirúrgicas
Facto nunca visto, perto da Festa da Primavera, ao que consta, a Secretaria do Ambiente, mandou umas 'caterpillars' e uns 'camiões' retirar areias, pedregulhos e outros inertes do leito da ribeira Grande. Louvável! Aconselha-se a limpeza dos outros quatro cursos de água, sabiam?, que sulcam a Cidade da Ribeira Grande. E os troços da ponte Nova para montante? E o problema da ribeira dos Moinhos? É que aqui fica uma das cinco cidades dos Açores. Em Junho, poucos dias após, a ribeira estava tal qual como antes da limpeza cirúrgica. Venham cá mais vezes, serão bem recebidos.

Tabacaria Jovem
Este estabelecimento fez tanto pela requalificação da rua de São Francisco como o Alabote fez pela orla marítima. Parabéns amigo João Carlos. O mesmo têm feito, seguindo-lhe a pegada, os *Café da Manhã* e o *Ildeberto*. Força a todos.

Fava da Cova ou do Curral?



Quem passasse pela rua das Espigas, junto aos passeios nas vizinhanças do Alabote, dava de caras com umas misteriosas e altas moitas de vegetação - ao que dizem, alimentadas pelos ricos nutrientes de águas que por ali correm a céu aberto. As pessoas dividiam-se na identificação da espécie vegetal em causa: Seria Fava da Cova, planta usada em infusões anti-hemorroidais, ou simples Fava do 'Curral'? Que a autarquia espalhe a novidade: erva-luís, por exemplo, na rua Direita, poejo, na rua dos Foros, arruda, no Largo Hintze Ribeiro etc..

Alminhas Eléctricas



Sabem onde fica as Alminhas de Rabo de Peixe? Conheciam, por certo o nicho com a imagem da 'Virgem Maria'? Desapareceu da circulação, durante as obras de 'Santa Engrácia' da estrada da Ribeira Grande. Por mais incrível que possa parecer, algum talentoso génio fez juntar ao nicho das 'alminhas', que também dá o nome àquele troço da estrada, um precioso Posto de Transformação, vulgarmente conhecido por PT. Agora ficamos com duas 'alminhas' gémeas: a celeste e a eléctrica.

Lixo precisa-se!



Podem vazá-lo, a qualquer hora do dia ou da noite, dias da semana, fins-de-semana ou feriados, num gaveto da rua do Vencimento com a do Dr. Lucindo Machado, antigo Atalho, seja de que tipo for: seringas, frigoríficos, máquinas de lavar, sacos e fraldas plásticas, sei lá que mais!

Fechados aos fins-de-semana

Os comerciantes da praça queixam-se de que, não abrindo o Posto de Turismo e o Museu aos fins de semana e feriados, são eles que acabam por substituir, sem vantagens para ninguém, os guias de turismo. Se queremos atrair turistas, não é seguramente por aí que devemos ir. Façam como em outros lados: quem trabalha ao fim-de-semana descansa à Segunda-feira. Não é assim tão difícil nem beliscará, muito ou pouco, os cofres municipais.

Crónica Mal-Humorada (Nem mi nem fá)



Sempre fui um melômano entusiasta. Quando era criança, cheguei a dar a minha irmã não sei que precisidade em troca das lições necessárias para aprender uma cantiga. A sua parte do contrato não incluía a miudeza inútil de me ensinar a melodia.

O meu problema com a música é de afinação apenas, porque não há nenhum instrumento que afine pela minha voz. O José Luís Rodrigues (um excelente músico, do clã dos Rodrigues da Maia e da escola do Dr. Edmundo Machado Oliveira, que é professor e maestro na Suíça) fez-me compreender bem esse problema. Estava ele a ensinar, a um grupo de boa vontade e boas vozes (a boa vontade era minha, as boas vozes eram dos outros) um cântico religioso, mas não havia maneira de o velho harmónio afinar comigo. Então o José Luís, para me explicar o som, ou o tom, que eu produzia, carregou simultaneamente nas teclas do mi e do fá e disse-me: 'É mais ou menos isto que estás a cantar.' Depois dessa e de outras, se ainda me atrevo a levantar a voz na igreja é por confiar no sentido de humor de Deus e na compreensão dos homens.

Mas há uma canção em que, modéstia à parte, quase atinjo a perfeição:

'Granada', de Agustín Lara. Com um pequeno senão: só posso cantá-la 'a capella', começando pelo menos tom e meio abaixo do que vem indicado na partitura, de modo que aquele sol lá de cima se transforma num mi bem mais humano e masculino. Um meu colega comboniano, o Emilio, depois de me ouvir cantá-la, quis que a ensaiássemos, com ele ao piano, porque não encontrou escalas que afinassem pelas minhas. A primeira desilusão musical aconteceu-me no Externato de Santa Maria. O bondoso e paciente padre Artur Brandão, que dirigia o coro do Externato, fazia todos os anos um teste aos calouros à procura de gargantas aproveitáveis. Chegada a minha vez, deu ao fole do harmónio e foi tocando e cantando para eu repetir:

'dó...ré...mi...' Eu declamei escrupulosamente as palavras, mas houve qualquer pommenor que me escapou. Ao fim da terceira tentativa, mandou-me ir tomar ar. Fiquei toda a vida com o complexo de quem nasceu para pardal nunca chega a rouxinol.

No Magistério Primário, tive um professor de educação musical, no primeiro ano, um verdadeiro sábio nessa arte, o senhor Manuel Maria de Melo. O seu defeito maior era julgar que a música era fácil. Como a sua versão do lá natural não coincidia com nenhuma das minhas, aconselhou-me a sentar à porta da banda da Maia, para educar o ouvido, e a comprar uma clarina, para treinar as notas.

Comprei-a, mas tinha de me refugiar no sótão para não incomodar os outros estudantes que viviam na mesma casa. (Qual quê?!... O som estridente e irritante chegava até à cozinha.)

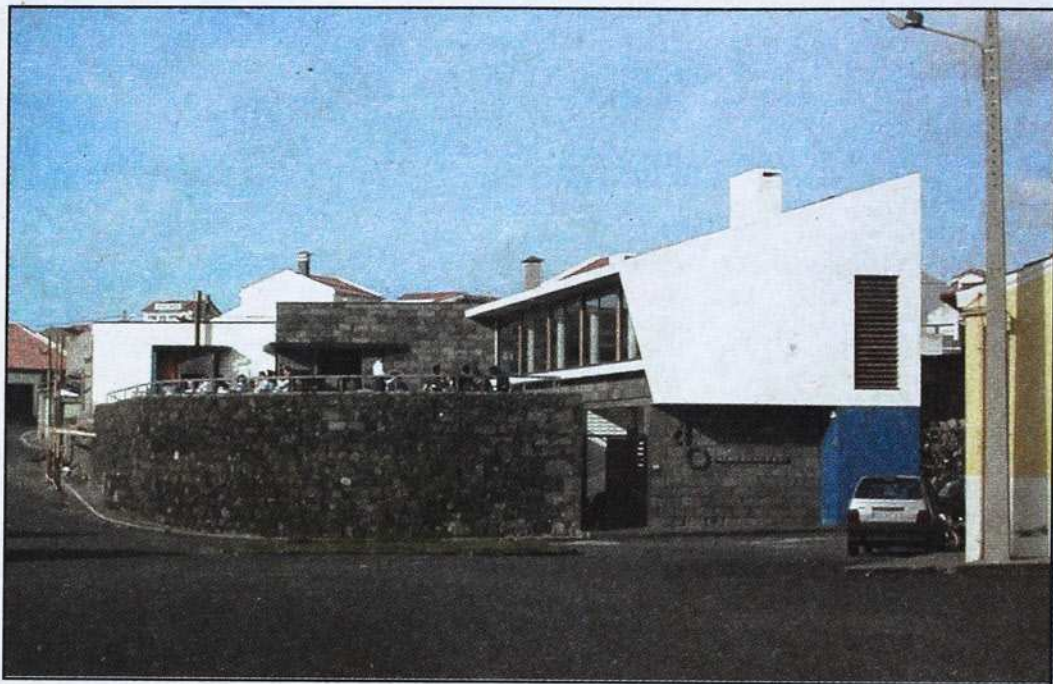
Tantas vezes toquei dó, ré mi, resistindo à guerra psicológica que me era constantemente movida (às vezes com a ajuda de argumentos voadores), que acabei por entoar mais ou menos um exercício de solfejo que começava por uma anacruse (a famosa 'entrada no ar') posta ali para provação de principiantes. As colegas que me precederam na execução desse exercício armadilhado não resistiram aos nervos de quem tinha um prestígio a defender. Em vez de cantarem 'dó' e só depois começarem a dividir os tempos, davam logo uma punhada na mesa como se essa nota fizesse parte do compasso, e, antes ainda do gesto que desenhava a ponta do segundo tempo, ouvia-se a voz imperativa do professor Manuel Maria: 'Senta-te!' Eu não tinha nada a perder e, depois das centenas de vezes que me exercitara, com grave prejuízo da sanidade mental dos meus companheiros, (não sei como, depois de ouvir solfejar, ainda há quem continue a gostar de música), estava convencido de que não falharia. Com espanto semelhante àquele que anunciou a passagem de Greta Garbo do cinema mudo para o sonoro, proclamando-se 'ela fala!', o senhor Manuel Maria disse: 'Ele até cantou!' Acabou por conceder-me um treze como nota do ano. (Um treze do professor Manuel Maria de Melo quase dava para se ser regente de filarmónica.)

Talvez esteja escrito em alguma parte que quem é rijo de ouvido não pode saber nada de compassos, sustentidos e bemóis, porque a D. Cremilde Macedo, que substituiu o senhor Manuel Maria, maravilhava-se sempre que eu acertava na resolução dessa aritmética musical. A minha aprendizagem continuou a ser socrática: fiquei a saber que nada sabia. E foi para isso que serviu o esforço dos dois competentes mestres. Se não fossem eles, a minha ingenuidade musical até podia ter produzido algum fenómeno discográfico, como os que têm aparecido nas listas das cantigas mais vendidas. Erradamente, porque de cantar mal entendo eu. E aquilo nem sequer é mau cantar.

Daniel de Sá

Contrastes

fotógrafo



Parabéns, Ribeira Grande, por seres já uma referência ao nível da restauração. Quem nunca ouviu falar dos restaurantes Silva, Lagoa do Fogo, Paradise, Alabote, etc.?



É inadmissível, em pleno Centro da Cidade, na rua de São Francisco, junto ao Hospital, a tendência ao engarrafamento de trânsito. (Já agora, no mesmo local, cuidem lá da igreja dos Frades!)

A Estrela Oriental Procura Voluntários para as páginas infantil, juvenil e desportiva

Se quiser colaborar no projecto jornalístico da Ribeira Grande contacte a redacção do jornal.



Modelo

Custa Pouco Viver Melhor

Ponta Delgada - Horta - Angra do Heroísmo - Praia da Vitória



Ricardo Rodrigues

O que se pretende com esta *Viagem ao Passado*? Em primeiro lugar, provar que as Cavalcadas de São Pedro, através das descrições mais antigas que se conhecem, as quais remontam a 1856, curiosamente, o ano do lançamento do Jornal *A Estrela Oriental*, mantiveram uma estreita ligação ao Culto do Divino Espírito Santo, facto esse que, se bem que de um modo muito residual, é ainda manifesto na sua actual dinâmica. Em segundo lugar, mostrar que a Folia, ou um outro Carnaval, com todas as reticências das Instituições, desde logo, a elas se agregou, situação que ainda hoje se mantém residualmente viva através das conhecidas Comédias de São Pedro. Finalmente, fazer passar a ideia de que, dentro do universo da documentação que se conhece, as Cavalcadas saltaram de uma esfera social de apropriação, o *Povo*, onde ao que parece o Espírito Santo e as folias carnavalescas eram preponderantes, para uma outra, a *Elite Dirigente*, que as estilizou e as ligou ao Feriado Municipal (29 de Junho). Com esta *Viagem ao Passado* não se deseja defender uma tese académica, nem tão pouco fazer do seu conteúdo verdades inofensáveis, pretende-se tão-só levar ao grande público um conjunto de elementos, os quais consideramos serem inovadores, que o possam ajudar a se libertar das visões lendárias e até repetitivas que à volta das Cavalcadas tendem a persistir. Não queremos com isso dizer que as lendas e a cultura popular oral não tenham valor. Têm e muito. No entanto, o que se deseja alcançar é a ideia de que as

mesmas podem, em qualquer momento, ser ultrapassadas ou, no mínimo, problematizadas.

As Cavalcadas, o Espírito Santo e a Folia
Um outro Carnaval: de São João a São Pedro
A descrição de Joaquim Cândido Abranches, em 1882

“No dia do precursor de Cristo, 24

de Junho, ao raiar da aurora, um bando de homens a pé, percorrem as extensas ruas da Vila, tangendo diversos e desentoados instrumentos musicos, a fim de advertir aos que cinco dias depois têm de fazer parte da cavalcada. O dia 29 é esperado pelos moradores da Vila e seus arredores com grande ansiedade. São dez horas da manhã. Os sinos da paróquia de São Pedro repicam alegremente. Dentro officiam venerandos sacerdotes.

Enchem de acórdãos sons o ambiente do templo as vozes do órgão e dos cantores. No largo, em frente da igreja, apinha-se uma multidão imensa, confundindo suas vozes desentoadas com o estridor de inúmeros tambores, rabecas, violas e concertinas. Findou a festa na igreja. **Põe-se a multidão em ordem e desfila. Na frente marcha o maioral vestido a capricho, montando em bem enfeitado cavalo, o rosto do**

cavaleiro é vendado por densa máscara, na cabeça avulta-lhe imenso chapéu, ornado de inúmera porção de cordões de ouro, brincos e outras jóias do mesmo metal, que tudo junto forma um valor excedente a 600 mil réis. Seguem-no quinze ou vinte cavaleiros adornados como ele, mas sem máscara. Atrás caminha a multidão em grande número, mascarada e a pé, uns conduzindo uma récuca de

As Cavalcadas há 145 anos Primeira descrição conhecida

A ESTRELLA ORIENTAL.

Segundo o Dr. Carreiro da Costa, Historiador e Etnólogo lagoense, as primeiras referências escritas conhecidas acerca das Cavalcadas de São Pedro devem-se a José de Torres, em meados do século XIX, num trabalho integrado nos *Fastos Micaelenses* e a Joaquim Cândido Abranches, em 1882. A notícia vinda a lume no Jornal *A Estrela Oriental*, de 2 de Julho de 1856, divulgada por nós no Apêndice Documental, II Volume, da tese de Mestrado sobre a *Vida e a Obra de Madre Margarida Isabel do Apocalipse*, em 1996, é inédita e prova a ligação das Cavalcadas aos festejos do Espírito Santo.

A Estrela Oriental e a primeira descrição conhecida das Cavalcadas

de São Pedro, em 1856: Os festeiros da primeira Dominga do Espírito Santo da Ribeira Seca e de Santa Bárbara

“Festividade de S. Pedro - No dia 28 à noite houve arraial no Largo da igreja, ornado de muitas bandeiras e fogo de vistas. A Filarmónica tocou muito bonitas e variadas peças de música, sendo numerosa a concorrência tanto desta Vila, como das imediações. No dia seguinte houve missa cantada acompanhada pela Filarmónica, sendo orador o reverendo Benevides, Beneficiado da Matriz de Ponta Delgada.

Acabada a função reuniram-se os festeiros da primeira

Dominga do Espírito Santo daquela freguesia e Lomba de Santa Bárbara ricamente vestidos, e montados em cavalos com as bandeiras do Espírito Santo largas, assim percorreram as ruas de todas as freguesias desta Vila, sendo seguidos de um variado número de máscaras.”

Na mesma Notícia: O Ambiente Festivo

“Festas de São João - No dia 23 de Junho passado, na praça desta Vila houve um lindo e variado fogo de vistas; foi grande a concorrência de espectadores. A praça achava-se embelezada com grande número de bandeiras, e arborizada; notando-se no centro uma grande e linda roseira do Japão, tendo 4 metros de altura [...], parecendo aos espectadores um novo Éden à margem da grande ribeira. No dia

24 na igreja da Misericórdia Velha, celebrou-se com toda a pompa e solenidade, uma missa cantada; acompanhada de Piano e Rabecão, cantou o Ilustríssimo Senhor António Júlio Mello, a pedido de vários amigos, do que em geral muitíssimo agradou a todos os concorrentes. A igreja estava ricamente ornada, e foi numeroso o concurso de pessoas de um e outro sexo. No dia 23 à noite houve igualmente fogo de vistas na freguesia de S. Pedro, na Ribeira Seca, tocando a Filarmónica variadas peças de música nos intervalos, ao que fez concorrer grande número de espectadores. No dia seguinte teve lugar a festa de São João, na igreja paroquial da mesma freguesia; que se achava decentemente ornada, havendo música cantada acompanhada de música instrumental filarmónica [...].”



“Que significará tudo isto?”

Segundo Abranches, em 1882, o maioral é o representante do Santo Apóstolo, os outros quinze ou vinte, são sempre os imperadores do Espírito Santo do ano futuro dos diversos impérios de toda a Vila. Já não só da Ribeira Seca e de Santa Bárbara:

“Perguntar-me-ão sem dúvida os meus leitores. É a pergunta que há pouco eu fazia a muitos moradores antigos daquela Vila, e ao que nenhum me soube responder. Porfiei, e por fim eis o que vim a saber:

- Cristo, redentor nosso, ao enviar o apóstolo São Pedro a pregar o Evangelho, disse-lhe: Vai e prega com prudência. Para que consigas o fim de tua missão, é preciso que primeiro te insinues na amizade dos habitantes das terras que percorreres. Não entres pois a pregar logo que chegues, mas sim diverte-te com eles, e, quando conheças sua amizade, converte-os então. São Pedro obedece-o [sic], e os primeiros com quem travou conhecimento foi com uns ricos que folgavam. Convertidos à fé, o ajudaram, e manobrando juntos se dirigiram aos campos onde o povo se entregava à lavoura das terras; e ao cuidado de seus rebanhos, onde o santo pôde fazer magna colheita de almas para a bem-aventurança. O maioral é o representante do Santo Apóstolo, os outros quinze ou vinte, que são sempre os imperadores do Espírito Santo do ano futuro dos diversos impérios de toda a Vila, os ricos que, iluminados por Deus, se convencem da verdade do Apóstolo, o resto da multidão é a que trabalhando nos campos, foi convertida. **Em tempos não mui remotos, as bandeiras dos impérios acompanhavam o préstito como trofeus de sua vitória, mas leis previdentes a isso obstaram; não obstante, um simulacro das mesmas sempre ali se apresenta.**” (Jornal *Açores*, 29 de Junho de 1956).

Em 1886, de novo *A Estrela Oriental*

“[...] Tiveram lugar, nesta Vila, no dia 27 de Junho último, a festa e procissão do Santíssimo Sacramento na igreja Matriz de Nossa Senhora

da Estrela desta Vila, e no dia 29 a popular festa do Apóstolo S. Pedro da Ribeira Seca, que tanto povo atrai aqui, apesar dos imperadores e mascarada pouco ou nada agradar e divertir à concorrência do povo que foi numerosa, e muito menos aos daqui. **A cavalaria marchava e dava voltas e reviravoltas sem ordem. Uma Cavalhada, Sr. S. Pedro!**”

O Jornal *O Norte*, de 1895: A Folia continua

Num precioso naco de prosa, provavelmente da lavra do Cónego Cristiano de Jesus Borges, um dos maiores jornalistas que a Ribeira Grande conheceu, o jornal ribeiragrândense *O Norte*, de 22 de Junho, refere: “Cavalhadas – A Ribeira Grande vai entrar no seu carnaval. O dia de São João abre um período de quinze dias de cavalhadas, danças, truíces e cenas burlescas. Julgamos ser de bom juízo que a autoridade limite estes divertimentos até ao dia de São Pedro. É costume nos dois domingos seguintes e às vezes ainda depois andarem por estas ruas uns máscaras sem chiste nem graça num monótono ta-ra-tão-tão que enfastia e incomoda. Aparece também algum sujeito de pouca educação e a quem a máscara dá descaro para tudo a fazer referências ofensivas e dirigir ditos que não primam pela decência. À autoridade incumbe vigiar e providenciar para se não darem fastos desta natureza.”

No virar do milénio, as Comédias de São Pedro prolongam a Folia de oitocentos, diz Hermano Teodoro

“Para o caso das Comédias de São Pedro, o seu terreno de inspiração e de partilha é do domínio do puramente humano, por consequência, do profano. Essas encenações de rua, em nosso entender, possuem uma dupla função: a satírica e a lúdica. Do ponto de vista satírico, as Comédias afirmam-se pela crítica, pela chacota e pela denúncia de circunstâncias sociais, tais como rixas; económicas, por exemplo, as relacionadas com o mundo rural; e até mesmo políticas, estas ligadas, com relevância, à gestão concelhia. Do ponto de vista lúdico, é de se

concluir que essas encenações propiciam bons momentos de lazer, de convívio, de riso, de folia, de catarse, de inversão dos papéis sociais; ou seja, revelam-se como um autêntico Carnaval. Os comediantes seguem o cortejo das Cavalhadas, fazendo lembrar, por isso, as burricadas oitocentistas. Em rigor, podemos enquadrar as Comédias de São Pedro nesse momento essencial da Festa que é o Arraial.”

Em 1966, o Dr. José de Medeiros Tavares, pai do jornalista António Valdemar, ao escrever para o *Correio dos Açores*, de 29 de Junho, confirmava, ainda que ténue, a permanência da ligação das Cavalhadas ao Espírito Santo, nestes termos:

“As cavalhadas são resultado de promessas religiosas feitas durante o ano e nela tomam parte os penitentes e ainda os que têm a 1ª domingo do Espírito Santo, gente da freguesia e arredores.”

Hermano Ataíde Motta, em entrevista concedida a Rejane Salvi, inclusa no livro intitulado *Panorama Açoriano*, dizia que: “durante as Cavalhadas, que têm lugar dentro do período das festas do Espírito Santo, os Cavaleiros visitam, em todas as freguesias, as casas dos Despenseiros ou Imperadores que têm uma das cinco Domingas, recebendo destes um lanche.”

Fernando Maré, antigo Rei das Cavalhadas, em 2000

Ainda que de um modo muito leve e muito diluída, no século XXI, ainda se mantém uma certa primazia dos mordomos do Espírito Santo.

Nas várias conversas que temos tido com o Senhor Fernando Maré, anterior Rei das Cavalhadas, irmão do actual e organizador das mesmas, quando, durante a recolha que efectuámos há alguns anos atrás para uma entrevista concedida ao jornal *Expresso das Nove* (28-06-96), lhe inquirimos acerca da ligação das Cavalhadas ao Espírito Santo; após uma longa pausa e uma primeira reacção de incredulidade, referiu: “É verdade. Ainda hoje, apesar de a maioria não o ser, os Mordomos têm a

primazia nas Cavalhadas. Antes de quaisquer outros, eles têm o direito de desfilar nas Cavalhadas.”

No final do século XX, os estudiosos tornam a associar as Cavalhadas ao Culto do Divino Espírito Santo

“[...] As Cavalhadas que consistem num cortejo sério – cómico, no qual participavam o rei (outrora mascarado), lanceiros, cavaleiros, dispenseiros e corneteiros, devem estar ligadas às festas do Espírito Santo, quer porque, primitivamente, nelas participavam, como cavaleiros, os Imperadores eleitos para o ano seguinte, quer porque o núcleo da festa, sete voltas a cavalo, em redor da Igreja de São Pedro, parece simbolizar os sete *dons* do Espírito Santo. Assinale-se; ainda que, antigamente,



as bandeiras dos *Impérios* acompanhavam o cortejo. As Cavalhadas consistem hoje num luzido cortejo de homens a cavalo, chefiados por um *rei*, que, entre o repique festivo dos sinos, saúda o Apóstolo diante da porta principal da Igreja de São Pedro, obrigando o cavalo a colocar as patas dianteiras nos degraus da porta da referida Igreja. Depois o cortejo a cavalo dá *sete voltas* à roda do templo, seguindo festivamente pelas ruas da cidade. No regresso, dá *cinco voltas* de despedida em torno da igreja. Para além do simbolismo do *sete* [...] e do *cinco* [...], este cortejo de encerramento do ciclo do Espírito Santo, contém um outro simbolismo: São Pedro é o primeiro dos *Apóstolos* sobre o qual se exerce a iluminação do fogo do Paraclete”. (Manuel Breda Simões, Cavalhadas, in *Roteiro Léxico do Culto e Festas do Espírito Santo Nos Açores*, 1987).

Qual a origem das Cavalhadas? Sem documentos, tudo o que se diga não passa de hipóteses

Creio que estabelecemos claramente laços estreitos e inequívocos entre as Cavalhadas e as Festas do Espírito Santo. Mais não sabemos. Será esta, com as fontes que possuímos, a posição cientificamente mais correcta. Francisco Carreiro da Costa, a este respeito escrevia, em 1965, que: “Assim às teses emitidas de que as Cavalhadas de São Pedro, da Ribeira Grande, ou têm raízes bíblicas, ou provêm dos antigos jogos cavaleirosos ou constituem reminiscências do velho teatro popular, temos vindo carrear algumas achegas com vista à resolução do intrincado problema,

considerando as mesmas Cavalhadas como festas de estação, em face do significado das *alâmpadas* e aproximando o carácter e a intenção do cortejo dos conhecidos *Círios* da Estremadura Portuguesa.

Apesar de tudo, porém, o problema continua de pé, por carência de documentos e de elementos iconográficos [...].”



No dia em que o Papa João Paulo II veio a São Miguel.

Que são Alâmpadas?

Em 1961, na sua tese de Licenciatura, o Dr. João Gil Tavares da Ponte, filho da terra, a quem muito ela deve, descreve-as do seguinte modo:

“Desde longa data que nos pontos altos e de melhor vista da igreja de S. Pedro, como sejam os capiteis das colunas, se suspende no dia de sua festa uns conjuntos de frutos e flores constituídos de pêros, pêras, uvas, bananas, figos, ameixas, milho novo, pepinos e um ananás, intercalados de hortênsias azuis e bordões de S. José. Cada agrupamento de aspecto alongado, atingindo meio metro, é rematado em baixo pelo ananás e designado de *lampa* ou *alâmpada*. Tais cachos em forma de pinha, são

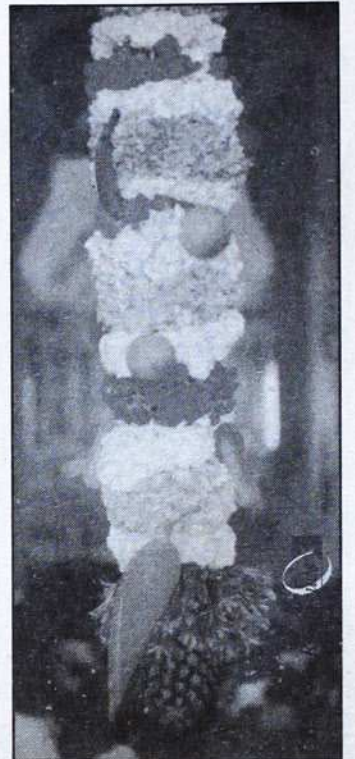
autênticas primícias, pois neles são colocados os primeiros frutos da estação [...]. São em número de doze e lançam em todo o templo um suave e doce perfume emanado da fruta e flores. Após a festa religiosa, as *lampas* são retiradas de seus lugares e transportadas em carro de bois enfeitado, e distribuídas pelo celebrante, pregador, mestre de capela, e outras individualidades.” (João Gil Tavares da Ponte, *Cavalhadas de S. Pedro*, 1961).

O Dr. Francisco Carreiro da Costa: Significado das Alâmpadas. Hipótese

“[...] a presença de tais *alâmpadas* não propriamente

no ciclo das festas de São Pedro mas nas de S. João, é coisa bastante antiga e conhecida, como o demonstrou oportunamente a ilustre romanista D. Carolina Michaelis de Vasconcelos. Ao estudar, no vol. XI, da *Revista Lusitana*, o vocábulo *Lampo-Lampa*, aquela senhora, depois de acentuar que o referido S. João é o ‘Santo das Luminárias por excelência’ acrescenta que, na Idade Média, chamava-se-lhe o *São João das Lampas*, abreviatura sincopada de *Lâmpadas*, - *Santo Johanae Lampadarum*, em latim bárbaro. ‘As *Lâmpadas*, que deram apêdo ao Santo e a forma arcaica de

Lampa, eram de azeite, cera ou sebo, e chegou até nós o seu uso.’ Nesse mesmo estudo, e segundo Luís Chaves, a grande romanista suspeitou que os ‘figos lampos’ e as ‘penas lampas’ [?], frutos oferecidos ou festejados em dia de S. João, como primícias do ano fossem enfeitados com lâmpadzinhas, pelo menos primitivamente. Até mesmo estes ramos de frutos novos eram envolvidos de intenções amorosas, pois que os namorados enramalhavam com eles as janelas das raparigas, seus derriços.” (A respeito das *Alâmpadas de S. Pedro*, Francisco Carreiro da Costa, s.d.).



Alvorada, promessas e Embaixada a São Pedro

“Na manhã deste dia [29], antes de nascer o sol, do alto da torre da igreja, ouve-se o som finíssimo e delicado de um clarim – toque de alvorada – que assinala o nascimento do grande dia, esperado sempre com viva ansiedade e gosto por parte dos habitantes daquela terra e doutras, pois o número de forasteiros atraídos é imenso. Nessa mesma altura certas pessoas como agradecimento ao Santo por alguma graça alcançada, dão sete voltas ao templo, a pé, ou a cavalo. Pelo que diz o povo, são em número de sete, porque São Pedro como

Apóstolo recebeu o Espírito Santo com seus dons que também são sete. É também costume, algum tempo antes do início da festa litúrgica que tem lugar ao meio dia, alguns indivíduos montados a cavalo, de capa, chapéu de abas largas e por vezes fitas adornando, onde predomina o vermelho, recitam em frente à porta principal da igrejas, versos de saudação ao Santo [...] Isto é conhecido como ‘Embaixada a São Pedro’.” (João Gil Tavares da Ponte, *Cavalhadas de S. Pedro*, 1961).



Eduardo Maré, actual Rei das Cavalhadas, recitando versos no Jardim Municipal

As Cavalhadas, o Feriado Municipal e a Identidade ribeiragrandense

De acordo com a obra *Ribeira Grande de ontem até hoje (Colectânea documental)*, de Armindo Moreira da Silva, a páginas 77, o Feriado Municipal terá sido instituído, como se lê numa acta de Vereação do início da I República, com base no disposto no Art.º 2.º de Decreto do dia 12 de Outubro de 1910, que diz: “as municipalidades poderão, dentro dos respectivos concelhos, considerar feriado um dia por ano, escolhendo-o de entre os que representam as festas tradicionais e características do município”. Na acta da dita Vereação, de 26 de Novembro de 1910 consta o seguinte: “[...] A Comissão resolveu considerar feriado neste concelho o dia 29 de Junho.” O *Correio do Norte*, jornal ribeiragrandense, do dia 6 de Julho de 1912, propõe à autarquia a nomeação de uma Comissão de Festas. O mesmo jornal, no número seguinte, acrescenta que a referida Comissão de Festas deveria ser composta por “elementos da classe comercial, pois que são estes inegavelmente que mais se empenharão pelo esplendor das cavalhadas.” Entretanto, tendo em conta ainda a obra de Armindo Moreira da Silva, talvez como consequência da Lei n.º 2:029, de 5 e Junho, de 1948, na qual se pretende cingir as Festas às verdadeiramente tradicionais e características, foram abolidas ou suspensas as Festas do Município. Porém, são, após pedido da autarquia de 27 de Maio de 1953, de novo reinstaladas, em Fevereiro de 1956. No jornal *Açoriano Oriental*, de 6 de Junho de 1963, Manuel Ferreira, em artigo de primeira página intitulado *Um apelo à Vila-Cidade: É necessário acarinharmos e defendermos as nossas melhores tradições. As Cavalhadas de S. Pedro*, e num outro de 20 de Julho, *Enquanto a música não toca: O apelo à Vila-Cidade*, propõe que as Festas do Município sigam o exemplo, entre outros, da Câmara Municipal do Seixal, transformando-as num verdadeiro cartaz turístico. Deveriam aproveitar a ocasião para

mostrar o que melhor existe no concelho. A Câmara, pela pena do seu Vice-Presidente, o Senhor Ventura Rodrigues Pereira, no *Açoriano Oriental*, de 17 de Agosto, aceita o alvitre. Dois anos após, Manuel Ferreira, no *Açoriano Oriental*, de 3 de Julho, na página 6, comenta nos seguintes termos as festas: “Um impressionante documentário das actividades económicas da Vila Cidade.” O alvitre, felizmente, não tinha caído em saco roto. As Festas do Município, através da acção conjugada da autarquia e do *Círculo de Amigos da Ribeira Grande*, atingiram uma projecção inaudita. Em 1968, constam do *Calendário Turístico Nacional de Festas, Feiras, Romarias e outros Acontecimentos*, da autoria do Comissariado do Turismo, Repartição de Fomento. Em Junho de 1989, a Assembleia Municipal aprovou o Regulamento das Cavalhadas.

As Cavalhadas como bandeira para uma identidade de lugar

As Cavalhadas são tanto mais fascinantes quanto misteriosas. É o mistério que lhes confere todo o seu encanto.

O princípio das coisas é sempre algo que nos fascina. Uma das questões que hoje se coloca é a de saber quando tiveram início as Cavalhadas de São Pedro, todavia, há pouca informação concreta sobre as suas origens. Esta é uma pergunta típica do historiador, enquanto o etnólogo pergunta: “Mas por que é que há-de ser necessário recuarmos aos Afonsinhos?” Penso que as primeiras perguntas, sendo obsessivamente



Os prémios

recorrentes, sobretudo se não existem novas provas, poderão fazer esquecer uma abordagem de conjunto. As Cavalhadas fazem parte da identidade da Ribeira Grande de hoje, o que não quer dizer que tenham feito antes. Mas, actualmente, isso é palpável, fundamental e respirável. Começaram por ser apropriadas por determinados grupos sociais, o povo, conforme as narrativas oitocentistas o atestam, sendo, mais tarde, em princípios do século seguinte, a fim de se instaurar o Feriado Municipal, apropriadas pela elite dirigente. Quase todos os cartazes da Ribeira Grande nos últimos anos, incluem as Cavalhadas. Os factores de identidade são sempre distintivos. Não interessa se existe ou não em outros concelhos. O que interessa é que haja o convencimento de que somos diferentes. Actualmente são uma coisa, o que foram antes de 1856, não sabemos. Este é o domínio fascinante do mistério. Só uma equipa multidisciplinar, constituída por antropólogos, sociólogos e historiadores, entre outros, poderá aprofundar cabalmente o fenómeno Cavalhadas de São Pedro.



**Patrocínio da
Câmara Municipal
da Ribeira Grande**

